



SOBRE DOMESTICAÇÃO

A cidade pestilenta e o panóptico

Fernando Freitas Fuão

Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas, Doutor em Projetos de Arquitetura Texto e Contexto pela Escuela Tecnica Superior de Arquitectura de Barcelona-UPC com a tese 'Arquitectura como Collage', Pós Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia-UERJ sob a supervisão da Filósofa Dra. Dirce Solis. Professor Titular da Faculdade de Arquitetura (UFRGS).

Resumo

O ensaio aborda a questão da domesticação das cidades desde a óptica da peste no século XVII na Europa, para tanto o autor recorre a Daniel Defoe, Camus, e Michel Foucault. Mostra a permanência de uma organização estrutural de combate à peste que mesmo após o cessar, essa estrutura permanece como modelo de domesticação e controle sobre os corpos na cidade moderna.

Palavras-chaves: domesticação; panóptico; cidade pestilenta; urbanismo moderno; Carta de Atenas.

Abstract

The logical categories have been reduced basically to one, the quantity, pretending to define with it the quality. The concepts of Aristoteles on quality are here examined and some propositions of Kant and Heidegger on art are discussed.

Keywords: quantity, quality, art, architecture, correction, truth.



Bruegel, o velho. O triunfo da morte. 1562

FOUCAULT, DEFOE, CAMUS

Em 1975, Michel Foucault publica uma de suas obras primas, *Vigiar e Punir*, de certa forma ela faz parte dos entrecruzamentos de saberes que lhe permitiram descobrir uma série de questões importantes para a vida na modernidade, tal qual em outros de seus livros, como: *O Nascimento da Clínica, a vontade de saber; A história da Loucura; e As palavras e as Coisas*, entre outros. Em *Vigiar e Punir* Foucault conjuga questões até então insuspeitas para a arquitetura, como o direito e a arquitetura e outros temas atados diretamente à arquitetura como os suplícios, a violência e a disciplinaridade dos corpos. Ele demonstra de uma forma exemplar a relação tipológica existente entre prisões, hospitais, escolas e manicômios. Transcendendo ainda mais, deixa em aberto toda uma leitura da arquitetura e da cidade exposta ao olhar da disciplinaridade dos corpos dóceis, da sociedade de controle. Em outras palavras: da domesticação do homem sobre o próprio homem, sacudindo a base do humanismo moderno.

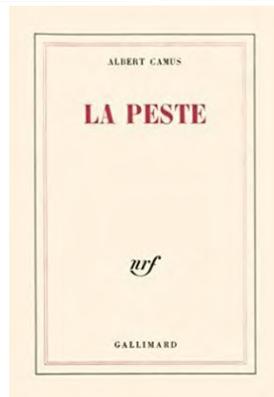
De um modo geral, *Vigiar e Punir* trata do processo de violência e das formas de punição dos homens sobre os próprios homens desde o século XVII, sobre seus corpos e as mentalidades; ao final do livro Foucault nos revela que a arquitetura desempenha um papel importante no processo de punições, suplícios e adestramento ao evidenciar o modelo do panóptico e seus derivados e a influência tipológica que exerceu em outras instituições domesticantes.

O livro está dividido em quatro grandes partes. Na primeira parcela Foucault sob o título “Suplício”, trata dos processos de mutilação, das atrocidades das execuções, o “corpo dos condenados” e as “ostentações dos suplícios”. Na segunda: “Punição” discorre sobre o sistema punitivo dos corpos, a “punição generalizada” e a “mitigação das penas”;

“O bacilo da peste não morre nem desaparece nunca, pode ficar dezenas de anos adormecido nos móveis e na roupa, espera pacientemente nos quartos, nos porões, nas malas, nos lenços e na papelada. Ele sabia também que viria talvez o dia em que, para desgraça e ensinamento dos homens, a peste acordaria, mais uma vez seus ratos e os mandaria morrer numa cidade feliz”.

Camus p.291

e na mais pertinente à arquitetura, a terceira parte: “Disciplina”, Foucault divide o tema em três capítulos: “Os corpos dóceis” onde apresenta a arte da distribuição espacial dos corpos dóceis¹, o controle das atividades, a organização das gêneses e a composição de forças; o capítulo dois, sob o título “Recursos para o bom adestramento”, apresenta a vigilância hierarquizada, a sanção normalizadora, e o exame; o terceiro capítulo: “o panoptismo” onde abordará, sobretudo, a questão da domesticação, discutida mais detalhadamente a seguir.



1

Neste capítulo Foucault mostra que o acampamento militar é o diagrama de um poder que age pelo efeito de uma visibilidade geral. Durante muito tempo, diz Foucault, esse modelo do acampamento ou pelo menos o princípio que o sustenta: o encaixamento espacial das vigilâncias hierarquizadas também encontraremos no urbanismo, na construção das cidades operárias, nos hospitais, nos asilos, nas prisões, nas casas de educação. Toda uma problemática se desenvolve então, diz Foucault, a de uma arquitetura que não é mais feita simplesmente para ser vista, como os Palácios, ou para vigiar os espaços exteriores como as Fortalezas, mas para permitir um controle interior, articulado e detalhado, a de uma arquitetura destinada a transformação dos indivíduos; como bem coloca Foucault ‘o velho esquema simples do encarceramento e do fechamento, da parede espessa, da porta sólida que impede de entrar ou sair começa a ser substituída pelo cálculo das aberturas, dos cheios e dos vazios, das passagens e das transparências’ (grifo meu) (Foucault, 1977, p. 154-155).

SOBRE DOMESTICAÇÃO A cidade pestilenta e o panóptico

2 O modelo do panóptico por Bentham tem sua origem a partir do modelo de um zoológico de animais projetado pelo arquiteto Le Vaux no Palácio de Versalhes criado por Luís XIV, Rei Sol; essa foi a primeira vez que se estabeleceu de forma curiosa o lugar cercado como exposição para os animais.

3 Esse mesmo princípio classificatório se estabeleceu na medicina e psicologia através dos estudos dos fenotípicos e do caráter, no século XIX e início do século XIX. O início de uma trajetória de autonomia da arquitetura coincide com o processo de domesticação humanista, com o estabelecimento de uma gramática que se pretende universal, ou mesmo da linguagem também como objeto autônomo (formalismo russo). Essa autonomia da arquitetura significa a retirada do humano e de suas forças de conexão com o cosmo e a natureza. De uma domesticação não só dos corpos, mas de uma normatização do espaço e da arquitetura para docilizar esses mesmos corpos como apontou Foucault tão bem ao se utilizar do conceito de cidade pestilenta e do panóptico de Bentham. Peter Sloterdijk em *Esfemas* também mostra que fundamentalmente essa mudança se dá a partir de Newton e o espaço do heliocentrismo, o qual também Emil Kaufmann vai reforçar essa ideia em seu livro: *De Ledoux a Le Corbusier, origen y desarrollo de la arquitectura autónoma*. Ainda sobre esse tema veja-se Norbert Elias, *O processo Civilizador*.

Foucault dedica-se ao *Panóptico* de Jeremy Bentham, uma organização espacial ótica, um dispositivo de visualidade zoológica², para explicar que esse modelo serviu para projetar as prisões; e acabaram gerando uma tipologia disciplinar, de controle e vigilância também presente nas casernas, hospitais, albergues, fábricas, escolas, universidades. Tais formas e estruturas funcionais estão também diretamente associadas e inseparáveis do estudo das tipologias arquitetônicas do século XVIII e XIX, nas figuras da tratadística, das enciclopédias e dos tratados de Durand, Quatremère de Quincy, Boullée, Ledoux e Lequeu. Essa estrutura classificatória e organizacional posteriormente seria conhecida, na teoria da arquitetura, como “os princípios de arquitetura autônoma” e teria sua dependência nessa nova ordem, diretamente também associada às regras de composição e organização da linguagem simbólica, na gramatologia clássica, na ordem e disciplinaridade características do que viria a ser o humanismo, o processo civilizatório ou em outras palavras: na domesticação humana.³

Finalmente, a quarta parte é dedicada exclusivamente às Prisões. Tratarei aqui especificamente da terceira parte: *Disciplina*, e do capítulo do Panóptico, com o objetivo de associá-lo ao processo de domesticação.

Para explicar o princípio do modelo panóptico, Foucault remete genealogicamente à peste negra do final do século XVII e as medidas que eram tomadas dentro da cidade para o confinamento da população quando ‘a peste’ era declarada. É certo que, como propõe Foucault o modelo panóptico; muito antes do modelo zoológico de Bentham; tem suas raízes na cidade pestilenta, em Londres em 1665, no esquadrinhamento e isolamento dos corpos e indivíduos; e não é de estranhar que esse modelo tenha desde então exercido uma influência dramática sobre o corpo da cidade do século XVIII ao XX e até os dias de hoje. Entretanto não podemos de deixar de associar a esse modelo, que também é um modelo de distanciamento outras questões como a influência da linguagem e a formação da perspectiva como modelos de dominação e domesticação universal. O modelo panóptico acabou gerando um modelo espacial, uma arquitetura como máquina de punição e vigilância que se aplicou às escolas, hospitais, manicômios, entre outros usos. Foucault, ao mostrar que o panóptico tem suas origens no modelo de controle da cidade pestilenta, também evidenciou que esse dispositivo de controle da peste acabou sendo implantado pelos médicos higienistas do século XIX e, de forma mais acentuada, pelo modelo de isolamento, controle e fragmentação do urbanismo moderno, ao fragmentar o corpo da cidade medieval ou mesmo o reticulado da cidade do século XIX.

O certo é que, não convivemos mais com a peste bubônica, ela está sob controle, mas o modelo de exclusão e controle da cidade pestilenta parece persistir até os dias de hoje, não só metaforicamente, mas física e estruturalmente. Michel Foucault, em sua Aula de 15 de janeiro de 1975 mostrou que havia uma literatura da peste que é a literatura da decomposição das individualidades. Essa literatura narra o momento em que se suspende a regularidade da cidade, essa irregularidade, segundo Foucault, aparece pela primeira vez na História da guerra do Peloponeso de Tucídides e atravessa os tempos até *A peste* de Camus. Nessa mesma aula Foucault explicara também que havia outro sonho, um sonho político onde a peste representa todo o contrário do que significa para a população, o momento maravilhoso no qual o poder político se exerce a pleno em sua totalidade. Hoje não é a peste que nos assola; nossas cidades tornaram-se por força da lei e das normativas urbanas bastante higienizadas, lixiviadas, limpas. Mas curiosamente as estruturas de poder político. De cima a baixo que constituem a cidade, e sua organização espacial política, continuam exalando ainda um forte cheiro de peste. A peste de toda espécie parece constituir-se a justificativa para reforçar constantemente os sistemas repressivos do poder político. Ele parece estar sempre à espera, e preparado a uma nova peste para exercer sua totalidade, ao ponto de fabricá-la para justificar seus fins.

A arquitetura moderna, a cidade dos séculos XIX e XX baseou-se metaforicamente no esquema espacial da cidade pestilenta; higienistas e médicos adotaram o mesmo sistema espacial que se combateu a peste, afastando e isolando as pessoas umas das outras, um contingente necessário naquela situação de contágio. Os arquitetos e urbanistas da cidade moderna trataram de aplicar de antemão esse mesmo sistema de distribuição de isolamento em blocos, vivendas em barras e torres distanciadas entre si em uma cidade onde seus habitantes já estavam todos saudáveis e alguns medicamentos já davam conta de algumas dessas enfermidades. Exemplo disso é o caso das vivendas em blocos propostos por Walter Gropius (*Neues Bauen*), também sob a justificativa de insolação, iluminação e higiene.

Não só a peste bubônica, mas também a ‘gripe espanhola’ na primeira metade do século se somaria a tradicional ‘tísica’. Esse modelo de distribuição de isolamento e doma. Controle, domesticação da população é o eu chamo ironicamente como modelo ‘anti-pestilento’, que se contrapõe com toda sua intensidade ao modelo da cidade dita ‘pestilenta’ medieval. Na cidade medieval todas as casas e toda a vida se davam em um conglomerado único, numa maçaroca, um corpo único sulcado por pequenas ruas, rugas, similarmente a estrutura

especial vernácula das favelas e vilas, ou mesmo das antigas cidades medievais, das cidades árabes, enfim: das cidades vernaculares, das cidades construídas sem arquitetos.

Parece provável que Foucault, ainda que não tenha se referido explicitamente, tenha baseado suas narrativas no livro *Um diário do ano da peste*, escrito em 1722 por Daniel Defoe para narrar o processo da peste bubônica que arrasou a cidade de Londres entre 1664 y 1665, e do fechamento da cidade ao se declarar a peste. Outro escritor que se baseou em Defoe foi Albert Camus⁴ em seu clássico livro: *A peste*; e certamente Foucault também haveria lido o livro de Camus.

A Peste, de Camus, escrito em 1947, narra os acontecimentos na pequena cidade de Oran, na Argélia, na década de 1940, quando se vê assolada pelo flagelo da peste bubônica. Camus apresenta ao final do livro uma série de ações positivas que tentavam eliminar; similarmente a Defoe; o sentimento de exílio e isolamento da população encarcerada em suas próprias casas frente ao horror da morte aos milhares, assim como as repercussões dessas memórias na população sob

a ameaça da peste e também o pavor aos ratos. E aqui um fato importante e comprometedor que em ambas as narrativas, são os médicos os responsáveis por estabelecer conjuntamente com os políticos e governantes a disciplina de isolamento dos corpos. Como bem observou Camus em *A peste*, “*essas precauções tratavam-se de uma ordem inteligente que uma sociedade introduzia na desordem provocada pelo flagelo*”⁵

Camus e Foucault mostram, cada um de sua maneira, que os regimes de fechamento e exclusão de combate à peste permaneceram como modelos disciplinares, docilizantes e também característicos dos regimes autoritários totalizantes e militares até hoje. A obra de Daniel Defoe é uma ficcionalização dos eventos acontecidos e registrados durante aqueles anos em Londres e de certa forma uma reconstrução histórica do acontecimento que dizimou vinte por cento da população. Defoe, resolveu descrever os eventos acontecidos mirando que sua história pudesse servir para os que viriam depois dele. Talvez não exatamente a utilidade sobre o combate da Peste, mas sim no que se refere à questão da administração, domesticação e controle das vidas.

4

A peste e seu sistema de reclusão, descreve Camus, se constitui num longo tempo de exílio, e as separações forçadas. “Assim, a primeira coisa que a peste trouxe aos concidadãos foi o exílio (...) o desejo inconsciente de voltar atrás ou, pelo contrário, de acelerar a marcha do tempo, essas setas ardentes da memória. Sabíamos então que a nossa separação estava destinada a durar e que devíamos tentar entender-nos com o tempo. A partir de então, reintegrávamos, em suma, em nossa condição de prisioneiros, estávamos reduzidos ao nosso passado e ainda que alguns de nós tivessem a tentação de viver no futuro, rapidamente renunciavam (...). Experimentavam assim o sofrimento profundo de todos os prisioneiros e de todos exilados que vivem com uma memória que não serve para nada.” (Camus p. 85-86)



Ilustração da peste negra na Bíblia de Toggenburg, 1411.

5

A Peste foi interpretada também como uma alegoria ao nazismo e, por extensão, a todo regime totalitário. O próprio Camus admitia que a essência do livro era a resistência europeia ao nazismo. O livro *A Peste* é uma alusão à ocupação ou a ditaduras, como a decretação do estado de sítio na região onde se passa a história ou o fato – provocado justamente pela medida de exceção – de um dos personagens, o jornalista Raymond Rambert, ser proibido de sair da cidade, um símbolo do cerceamento da liberdade. Se o romance pode ser lido pela ótica da resistência política, também é verdade que abre espaço para uma interpretação de cunho filosófico-existencial. A Peste permite a reflexão, por exemplo, sobre como a iminência da morte que relembra ao homem sua finitude e o faz agarrar com todas as forças a vida. Entretanto para Camus a dor, o medo e a solidão gerados pela doença também são capazes de resgatar sentimentos como a solidariedade, amor e compaixão.

SOBRE DOMESTICAÇÃO A cidade pestilenta e o panóptico

6

A Peste é o exemplo da revolta metafísica de que fala Camus fala em seu outro livro: O Homem revoltado, livro que sistematiza, de algum modo o pensamento político do autor. A revolta metafísica é definida por Camus como o movimento pelo qual um homem se insurge contra a sua condição e contra toda a criação. Em A peste escreve Camus: “O mal que apenas um homem sentia torna-se uma peste coletiva”. Para Camus, o sentimento de revolta, estreita os laços de fraternidade: “a solidariedade dos homens se fundamenta no movimento de revolta e esta, por sua vez, só encontra justificação nessa cumplicidade. (...) Para existir, o homem deve revoltar-se, mas sua revolta deve respeitar o limite que ela descobre em si própria e no qual os homens, ao se unirem, começam a existir.

7

DEFOE, Daniel. *Um diário do ano da peste*. Porto Alegre: Artes e Ofícios Editora, 2014.

Em *A Peste*, Camus, mostra que toda a ordem e sua normalidade subitamente podem cair por terra quando os ratos saem dos esgotos e aparecem mortos e ou agonizantes aos milhares pelas ruas da pequena Oran. Os ratos carregam o flagelo da morte, logo depois, a morte não tardaria em alcançar seus moradores. A população custa a aceitar os fatos e somente quando as pessoas começam a adoecer e morrer, somado a desorganização inicial das autoridades, a eterna recusa sempre das autoridades em admitir que a epidemia já esteja acontecendo, conclui que a cidade já está em meio a mais uma epidemia de peste bubônica.

Tanto nos relatos de Daniel Defoe quanto no livro de Camus acontece o mesmo: aplica-se o rigoroso regime de quarentena, isolamento e esquadrinhamento. E na claustrofobia deste encarceramento compulsivo, brilhantemente descrito por Camus, as pessoas são obrigadas a se confrontar com a inevitabilidade da morte e os laços que unem a comunidade.⁶

Vejamos, inicialmente, como descrevem Foucault e Daniel Defoe o modelo de isolamento que se aplicava para e evitar a contaminação: Em primeiro lugar, diz Foucault:

“Se fechavam a cidade transformando em um campo fechado, se estabelecia a proibição de sair sob pena de morte, se montava um policiamento estrito, se matavam todos os animais errantes como cães e gatos sem donos. A cidade era dividida também em quarteirões diversos onde se estabelecia o poder de um intendente para cada uma delas. (...)

Cada rua era colocada sob a autoridade de um síndico, ele a vigia e se deixasse de vigiar, como diz Foucault, seria morto. No dia designado das medidas de fechamento, ordena-se a todos que se fechem em suas casas e assim ficam proibidos de sair sob pena de morte, como num sistema carcerário, cujo sistema de controle dará origem ao atual conceito de prisão. (...)

O próprio síndico vem fechar a porta por fora, leva a chave e entrega para o intendente do quarteirão. Cada família deveria ter feito seu estoque de alimentos, armazenar tudo o que pudesse em suas casas. E para cada tipo de alimento terá um modo de fazer chegar até cada uma das famílias, por exemplo, para o pão e o vinho se preparavam entre a rua e o interior da casa pequenos canais de madeira que permitiam chegar até a porta das casas, para a carne e os peixes e as verduras se faziam através de roldanas e cestos.” (FOUCAULT, 1977, p.173).

Na sequência da transcrição dos métodos para se evitar a peste, tomarei diretamente algumas

passagens do *Um Diário do ano da peste*⁷ de Daniel Defoe, obra referencial para o drama da peste bubônica no século XVII, onde encontramos uma descrição mais completa que a de Foucault em *Vigiar e Punir*. Desse dispositivo e dos agentes envolvidos nesse processo de isolamento, diz Defoe:

“Este fechamento das casas, pelo que sei, foi adotado pela primeira vez como um método de contenção da peste de 1603, com a ascensão do rei James I ao trono. O poder para trancar as pessoas em suas próprias casas foi outorgado pelo Ato do Parlamento intitulado ‘Uma Lei para a Assistência Caritativa e Disposição das Pessoas contaminadas com a peste’. Neste Ato do Parlamento, o lorde Prefeito e os vereadores da cidade de Londres fundamentaram as ordens que deram na época, entrando em vigor em primeiro de julho de 1665, quando ainda eram poucos os contaminados dentro da *city* e o último registro de óbito de noventa e duas paróquias indicava apenas quatro com peste. Digo que, por esses meios, quando no total morriam perto de mil por semana, na *city* eram só vinte e oito e a *city* conservou-se proporcionalmente mais saudável do que qualquer outro lugar todo o tempo da epidemia. Estas determinações do lorde prefeito como segue, a saber:

Durante o reinado do nosso falecido soberano rei James, de feliz memória, foi criada uma lei para a assistência caritativa e disposição das pessoas contaminadas com a peste, quando os juizes de paz, prefeitos, intendentes e outros altos funcionários foram autorizados a nomear, em suas jurisdições, INSPETORES, INVESTIGADORAS, VIGILANTES, ZELADORES E COVEIROS para lugares e pessoas contaminadas com poderes para força-los a desempenhar suas funções. Agora, depois de muita ponderação, pensou-se no mesmo expediente para prevenir e evitar uma epidemia da enfermidade, com a nomeação dos seguintes funcionários e a devida observância dessas ordens: (DEFOE, 214, p. 56-57)

Defoe nos descreve que cada paróquia deveria ter uma ou duas pessoas de boa índole e credibilidade, escolhidas e nomeadas pelo vereador e pelo Conselho dos Comuns de cada distrito, com o título de *inspetores*, para permanecer nessa função durante pelo menos dois meses. Qualquer pessoa apta assim nomeada, descrevia Defoe, que se recusasse a assumir o cargo seria mantida na prisão. A função dos inspetores era de investigar e conferir de tempos em tempos as casas em cada paróquia, quais estavam contaminadas, quantas pessoas estavam doentes e de que doenças. Em caso de dúvidas, diz Defoe, era determinado o isolamento até que surgissem provas que os moradores não estavam com a doença. Ao

encontrar qualquer pessoa sofrendo da doença, ordenava-se que a polícia fechasse a casa⁸.

“No princípio, o fechamento das casas foi considerado um método cruel e anticristão. Os pobres assim confinados lamentavam-se amargamente. Reclamações contra a severidade desta medida eram levadas diariamente ao lorde prefeito, referindo-se a casas fechadas sem motivos (e até por maldade). Não posso opinar, mas uma investigação revelou que muitos dos que se queixavam tão veementes encontravam-se num estado que justificava sua condição. Outros, após exame dos doentes e da doença, sem aparência de contagiosa, aceitaram transferir os casos duvidosos para o hospital dos pestilentos e foram desimpedidos.” (DEFOE, 2014, p. 66).

Defoe nos esclarece que:

“Para cada casa contaminada são indicados dois VIGILANTES, um para todos os dias e outro para todas as noites. Estes vigilantes tinham como tarefa específica impedir a entrada ou saída de qualquer pessoa das casas contaminadas que estiverem sob sua guarda, sob pena de dura punição. Se os ditos vigias forem enviados a qualquer parte, deverão trancar a casa e levar a chave.” (DEFOE, 2014, p.57).

As *investigadoras*, segundo Defoe eram nomeadas em cada paróquia, selecionadas entre as mulheres de melhor reputação e índole que se podiam encontrar. Eram encarregadas de fazer a investigação e informar a verdade o mais fiel possível sobre o que observavam nos corpos. Elas tinham que examinar e conferir se morreram de peste ou de outra doença, segundo os sinais presentes no corpo. Nenhuma investigadora poderia fazer qualquer outro trabalho ou serviço público, como manter uma loja ou tenda de

comércio, ser contratada como lavadeira, ou qualquer outro tipo de emprego comum por risco de contaminação e de transmissão da doença⁹. Outro agente desse processo descrito eram os *cirurgiões*, que tinham a função de colaborar com as investigadoras além daqueles que já pertenciam ao hospital de pestilentos, já que havia grande abuso na falsificação de informações sobre a doença, ocultando informações e permitindo a disseminação maior da epidemia. Cada um destes *cirurgiões* cobria os limites de uma área, unindo-se às investigadoras de sua área para examinar os corpos, a fim de que fosse feito um relatório correto sobre a doença¹⁰.

Finalmente, as *enfermeiras*, diz Defoe: “Caso qualquer enfermeira se retire de qualquer casa contaminada antes de passarem 28 dias da morte de qualquer vítima da peste, a casa para onde a enfermeira se dirigir será fechada até que se complete o prazo de vinte e oito dias”.¹¹

Em seu livro Daniel Defoe apresenta uma cidade já dividida em bairros, paróquias e uma Prefeitura dedicada a intervir diretamente sobre o problema de perto, intrometendo-se dentro das casas, controlando a circulação e horários pela cidade, organizando os enterros dos cadáveres, determinando horários e também lutando contra as crendices medicinais da época. Em *A Peste*, de Camus, também aparece a figura do médico, um dos personagens principal, que terá um papel decisivo, pois será ele também um dos organizadores e estruturadores desse processo de contenção da peste, através dos procedimentos de separação e isolamento. Parece que a partir desse momento os médicos assumirão o papel de controle e planejamento do uso dos espaços dentro da cidade. E provavelmente dessa posição de combate à peste bubônica que surgiram os urbanistas higienistas, os médicos urbanistas.

8

Op. cit., p. 57. Diz ainda Defoe: “Se o policial for ineficiente ou negligente, informar em seguida o vereador do bairro” (p. 57). “É verdade que trancar as portas das casas das pessoas e colocar um vigia noite e dia para impedir que saíssem ou que alguém viesse visita-las, quando na realidade poderiam haver muitas pessoas saudáveis, e que possivelmente, talvez, se tivessem se escapado e se fossem afastadas das pessoas doentes, não teriam morrido; parecia muito duro e cruel. Muitos morreram nesse miserável confinamento quando se faz sentido crer que não teriam se contaminado se tivessem liberdade, embora a peste tivesse em suas casas. No começo, a população ficou muito revoltada e inquieta e muitos atos de violência se cometeram em agressão aos homens designados para vigiar as casas fechadas. Muita gente também saiu a força em diversos lugares, conforme comentarei mais adiante. Mas o sacrifício individual se justificava por ser para o bem comum e não havia como obter benevolência para os apelos dirigidos às autoridades ou ao governo da época. Isso levou o povo a criar todo tipo de estratégia para, se possível, sair de casa. Encheria um pequeno volume a relação das artimanhas empregada pelos moradores destas casas para desviar os olhos dos vigias contratados a fim de enganá-los, escapando ou fugindo.” Op. cit.; p. 66

9 “Os médicos nomeados para cura e prevenção da epidemia convoquem as investigadoras que foram ou venham a ser nomeadas para as várias paróquias sob sua responsabilidade a fim de verificar se estão preparadas e qualificadas para o serviço”. Op. cit.; p. 58

10 “E mais, os ditos *cirurgiões* devem visitar e examinar as pessoas que os mandem chamar ou lhes sejam indicadas ou enviadas pelos inspetores de cada paróquia, informando-se sobre as doenças de ditas partes”. Op. cit.; p. 58

11 Op. cit.; p. 59

“A sinistra figura do médico da peste era encarregado de lidar com doentes afetados pelas moléstias infectocontagiosas que atormentavam a Idade Média. Devia ser assustador ver aquela imagem de um ser bizarro caminhando entre doentes graves. Médicos costumavam usar chapéus característicos e aquele que lidava com pestes não abria mão do acessório na composição da sombria indumentária que vestia. Uma máscara (geralmente preta) com bico era assemelhada a uma cabeça de ave e possuía em seu interior uma composição de perfumes e ervas que ajudariam a lidar com os ares infectos (os miasmas) que acreditavam agir no processo de contaminação. O casaco de couro preto estava integrado à máscara por meio de um capuz para não deixar a pele do médico exposta a riscos contaminantes e o conjunto de couro era também composto por luvas, botas e pela calça que estava sob o longo casaco e tudo era bem encerado para impedir que líquidos viessem a molhar a vestimenta. A composição ficava completa com outros itens, a exemplo de uma vara e uma longa colher para impedir contatos com os doentes. Aquela visão de um corvo humano não era desvinculada da morte seja pela aparência como também pela própria condição de lidar com pessoas que estavam padecendo de uma moléstia fatal.”

Fonte: <http://www.fatoscuriososdahistoria.com/2015/12/medicos-pestes-negra-ht>



As roupas de autoimunidade dos médicos na Idade Média durante a peste negra, e os atuais trajes dos médicos modernos contra o vírus Ebola¹².

Retornando a Foucault, diz ele, sobre os mecanismos de isolamento e controle: A cidade, a vila de uma hora para outra se tornava um espaço recortado, cercável, fechado, imóvel, fixado, uma prisão. Murada dentro de suas próprias muralhas. Ninguém estrava ou saía sem autorização. Cada um está prisioneiro em sua própria casa, em sua cela, em sua cidade. E caso se mexa, corre perigo de vida, por contágio ou por punição.

“Se fosse absolutamente necessário sair de casa se faria por turnos, evitando qualquer tipo de encontro, de contato. Só circulavam os síndicos, os intendentess, os soldados da guarda, e entre as casas infectadas, de um cadáver ao outro, os ‘corvos’, que tanto faz abandonar à morte: é gente vil, que leva os doentes, enterra os mortos, limpa e faz muitos ofícios vis e abjetos.” (FOUCAULT, 1977, p. 173).

A inspeção funciona constantemente. A vigilância e o horror não cessam. A peste está no ar, por tudo, em qualquer rincão, em qualquer objeto. O olhar deve estar alerta em todas as partes e pessoas, nas portas, nos postos de vigilância, no final de cada rua, nas sentinelas.

Todos os dias os intendentess visitam o quarteirão de que está encarregado, verifica se os síndicos cumprem seus papéis e se os habitantes têm queixas. Todos os dias também, o síndico passa na rua, em cada casa e manda todos os moradores aparecerem na janela. Chama cada um por seu nome, informa-se sobre o estado de saúde e se alguém não se apresenta na janela o síndico desconfia de que estão escondendo mortos ou doentes dentro da casa. Um doente dentro de casa era uma sentença de morte para todos os moradores do local. “Cada um trancado em sua própria cela, cada um à sua janela respondendo

ao nome quando chamado, inquerido”, como uma lista de presença de chamada militar ou de uma lista de presença escolar. Como diz Foucault, “é a grande revista dos mortos e dos vivos”. Tudo, tudo que acontecia, tudo que era observado em cada casa em cada quarteirão era anotado, registrado, os intendentess tinham o controle de tudo, tinham inclusive o controle sob os cuidados médicos, por exemplo: somente o médico designado era responsável por aquele doente, nenhum outro podia cuidar, nenhum padre confessor poderia visitar um doente. A relação de cada um com a sua doença e sua morte passava pelas instancias do poder, pelo registro que delas é feito.

Cinco ou seis dias depois do começo da quarentena procedia-se a higienização das casas, uma por uma. Ordenava-se todos os moradores a sair, espalhava-se perfume, que era queimado depois de bem fechadas as janelas, as portas e até os buracos das fechaduras, lacrados com cera. Como na entrada, revistavam-se os *perfumadores* na presença dos moradores da casa também na saída, para certificar que nada fosse retirado da casa. Quatro horas depois os moradores podiam retornar as casas.

“Esse espaço fechado, recortado, segmentado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde um trabalho interrompido de escrita liga o centro e a periferia, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica continua, onde cada indivíduo é constantemente localizado, examinado e distribuído entre os vivos, os doentes e os mortos – isso tudo constitui um modelo compacto do dispositivo disciplinar” (FOUCAULT, 1977, p. 174)

A ordem responde à peste, pois a peste representa o máximo da desordem, o caos instalado que desestrutura a ordem vigente. Dessa forma a razão agiu contra a peste, com o máximo da lógica, através da análise, da separação, do fracionamento, para poder melhor entender os mecanismos de disseminação. Esse ordenamento através de uma fixação tem o objetivo de conter o surto e seu crescimento, pois a peste caminha junto com as pessoas, está dentro delas. Essa nova divisão da cidade em partes, cercamento e isolamento, têm também por função desfazer a confusão, a desordem. Alguns recursos desse dispositivo disciplinar serão aplicados posteriormente às escolas, hospitais e penitenciárias. São eles: chama-

da, fixação no mesmo lugar, numerado assinalado, vigilância, inspeção, ordenação disciplinar espacial obedecendo a lógica militar da quadrícula, perfilhamento e escrita, relato de controle da situação de cada um (histórico escolar, prontuário). Esses recursos penetraram tanto no cotidiano dos organismos sociais que hoje são intrínsecos do estabelecimento de qualquer sociedade.

Assim na cidade pestilenta, pesteada, sitiada, instala-se um processo analítico de compreensão daquilo que ainda não é suficientemente entendido ou conhecido. É preciso isolar os objetos, as casas, os corpos; delimitar sua territorialidade, seu

13

Foucault, M. *Vigiar e Punir*, 1977, p. 175



Imagens da esquerda para direita: 1 e 2. Feiras e comercio medieval. 3 e 4. Ruas estreitas, sinuosas e escuras de uma cidade medieval, Bairro Gótico em Barcelona, no séc. XX

espaço de confinamento, seccioná-lo para que se possa ter o controle e entendimento. É preciso isolar não só os corpos, mas a própria doença que se apodera deles. Necessita-se isolar a peste para que ela não se prolifere e esse isolamento é uma questão de vida e morte. A fixação em seus próprios lares é o primeiro passo. Como diz Foucault: “essa ordem prescreve a cada um seu lugar, a cada um seu corpo, a cada um sua doença e sua morte.”¹³

O período de peste é confuso, a desordem, já que não se sabe quem está infectado ou não. Portanto a

disciplina irá fazer valer o seu poder de análise, bem como o de partição, de separação atenta e contínua. Antes de nada, precisava-se separar uns dos outros, e essa separação era feita através do isolamento e do encarceramento. O período da peste é a mistura reinante das proximidades e contatos entre as diversas classes econômicas e sociais dentro da cidade medieval do final do século XVIII; pobres e ricos conviviam quase lado a lado, com baixíssimo grau de afastamento entre eles.

A cidade medieval como um corpo único. Vejez de la Frontera. Cádiz. Espanha.



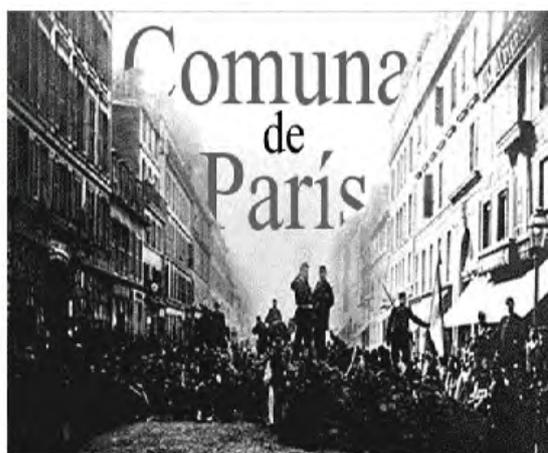
Posteriormente, no século XVII e XIX, os arquitetos e urbanistas passam a refinar o isolamento, definindo-o por regiões determinadas. A estratégia do zoneamento é posicionar os mais pobres na periferia, longe dos olhos centrais. Uma vez fixada à distância, estabelece-se zonas economicamente diferenciadas, ordenando cada um a seu lugar, sua vila seu bairro, sua casa. Um dos primeiros ordenamentos higienistas é o Plano de Higiene de Paris entre 1852 e 1870, promovido pelo Barão Georges Eugène, o Barão de Haussmann. A reforma esteve a cargo de Napoleão III, que esteve em Londres e se encantou com os avanços que a capital britânica fizera no sentido de limitar os efeitos que as epidemias causavam. Para tal fim, Haussmann demoliu inúmeras vias pequenas e estreitas residuais do período medieval, onde viviam pobres, operários e classe média lado a lado em péssimas condições de vida. Duas atitudes estavam por trás desta proposta radical, que tinham como metáfora a peste: a peste dos revolucionários e a peste propriamente dita. Como

bem sabemos essas ruas estreitas eram focos de resistência política, de levantes revolucionários, entre 1827 e 1849, e por oito vezes foram levantadas barricadas nesses bairros. O outro foco era a segunda epidemia de cólera, pois a de 1832 matara 20 mil moradores, varrendo a cidade na esteira das desordens provocadas pela Revolução de 1848, e que redundou em 19 mil vítimas. Logo, posteriormente esse mesmo princípio de planejamento higienista será levado a cabo em Barcelona em 1860 pelo engenheiro urbanista e também político Ildefonso Cerdà. A intervenção de Cerdà ao contrário de Haussmann se dará na criação do *Ensanche* justapondo a cidade medieval, uma extensão, criando assim uma espécie de nova cidade reticulada, quadriculada.

Durante a peste as cidades radicalmente se tornaram espaços recortados, fechados, imóveis, cercados, fixados. Verdadeiras prisões, muradas dentro de suas próprias muralhas. Ninguém estrava ou saía sem autorização.



Haussmann e Plano higienista de Paris



Levantes e barricadas em Paris, Comuna de Paris 1848, e nos dias de hoje



Plano de Ildelfons Cerda. Ensanche de Barcelona
Contraste da malha medieval com a malha do Ensanche. Barcelona

Segue Foucault:

A peste como forma real, e ao mesmo tempo, imaginária da desordem tem a disciplina como correlato médico e político. Atrás dos dispositivos disciplinares se lê o terror dos “contágios”, da peste, das revoltas, dos crimes da vagabundagem, das deserções, das pessoas que aparecem e desaparecem, vivem e morrem na desordem. (FOUCAULT, 1977, p.221)

Antes da peste, como nos explica Foucault a lepra suscitou alguns modelos de exclusão¹⁴ que geraram, até certo ponto, o modelo que se chamou de o “Grande Fechamento”; a peste, por outro lado, geraria esquemas disciplinares, o regime disciplinar, as disciplinas. Como bem apontou Foucault além de fazer a divisão maciça e binária entre uns e outros, ela recorreu distribuições individualizantes e definiu uma organização aprofundada da vigilância e do controle.

Um regime é distinto do outro, o regime da lepra é distinto da peste, mas suas práticas não são excludentes. O leproso é diferente do pestilento, pois esse não oferece risco de morte imediato e apesar de ser visto dentro de uma prática de exclusão e rejeição, não é despejado para fora das cidades e vilarejos. Os leprosos ficam à deriva nos campos ou se estabelecem em comunidades. Seus semelhantes posteriormente são jogados dentro desses campos de exclusão, para que se percam em meio a outras centenas de leprosos durante anos, até a morte chegar. O pestilento não; os pestilentos estão inseridos em um esquema de policiamento tático metuculoso onde as diferenciações são submetidas a dispositivos de controle e isolamento individual constantes. O pestilento tem que ser admitido dentro da cidade, pois já não há mais nada a fazer, são tantos que não se trata mais de expulsar, afinal não se pode expulsar uma cidade inteira.

¹⁴ “La curación de los leprosos”. 1320-1330. Miniatura del códice “Sermones de Mauricio de Sully”. Biblioteca Nacional Francesa, París. Campo de refugiados em Dadaab, Kenya. 2011.



Como explica Foucault, a peste, em sua prática disciplinar, é combatida com o bom treinamento: “A lepra e a peste, uma é marcada, a outra analisada e repartida¹⁵⁹”. Essas duas enfermidades levam a sistemas políticos e modos de controle espaciais distintos. O da lepra consiste na formação de comunidades para os contaminados baseadas em sistemas de exclusão, o exílio-cerca: deixa-se que o indivíduo se perca lá dentro, como que inserido em uma massa sem importância nem diferenciação. O da peste é o da sociedade disciplinar, das obrigatoriedades, dos deveres, da submissão, do adestramento, da domesticação, sempre controlando suas ações e relações, desmanchando suas perigosas misturas.

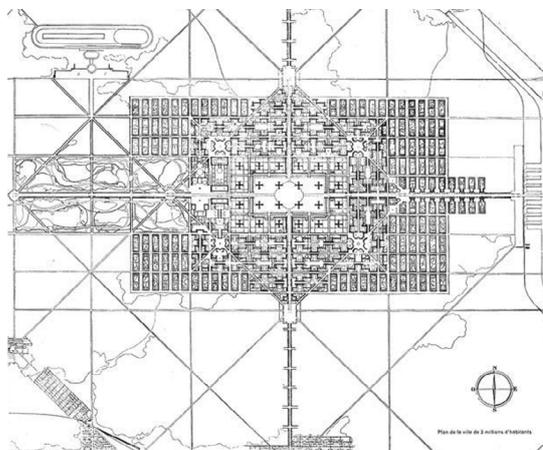
O modo de ordenamento e controle da cidade atual apresenta semelhanças com cidade de outrora em estado de peste e também não é muito diferente da comunidade dos excluídos da lepra quando observamos as periferias de nossas grandes cidades ou *guetos*; dois modelos não excludentes, mas que se reforçam mutuamente para uma melhor potencialização. A antiga cidade pestilenta e a cidade contemporânea continuam atravessadas pela hierarquia dos espaços disciplinares, pela vigilância, pelos registros de toda espécie, pelo olhar, pela documentação. A utopia da cidade perfeitamente governada e controlada, em estado eterno de risco de peste, segue esse modelo ainda hoje.

Foucault ironiza ao descrever o imaginário das leis e direitos durante e depois do advento das pestes, elas geravam uma cidade disciplinada e domesticada ao extremo. Diz ele: “Para ver funcionar suas disciplinas perfeitas, os governantes sonhavam com o estado da peste”. Esse estado de controle da peste se tornaria um norte para qualquer ação futura, tais medidas ajudariam a estabilizar a sociedade e passariam a ser tomadas como referência de uma sociedade ideal, utópica, planejada, onde todas as coisas funcionariam bem sob controle e disciplina. As leis e direitos e sobretudo a arquitetura do século XVIII seria fundamentada nessa ordem disciplinar. Não apenas os juristas e governantes, mas também os arquitetos e higienistas projetavam a cidade inconscientemente ou cientemente como se ela estivesse sob um estado de peste ou ameaça dela ou de qualquer contágio; organizavam o espaço de uma maneira reticulada celular, disciplinar, normativa, militar, a fim de prever qualquer infestação possível. Se por acaso houvesse, todo o espaço já estava hierarquizado, esquadrihado, pronto para intervenção e fechamento. Essa estrutura disciplinar urbana, de abertura de grandes avenidas, quadras regulares, ou de edifícios afastados uns dos outros como propôs a modernidade também serviria para o controle e sufocamento dos levantes, insurreições e intentos de revolução, a peste revolucionário que poderia por fim a domesticação humana a qualquer momento.

Assim, essa mescla de exclusão e repartição espacial humana caracteriza o século XIX e também a modernidade. Uma combinação de antídotos espaciais, estratégias formais compositivas urbanísticas e arquitetônicas (edifícios mais ensolarados, ventilados, infraestruturas de esgotos e água) para que a cidade não se contamine com a peste, a lepra ou com a tuberculose do início do século XX. Um sistema de controle e vigilância sempre justificados pela questão da imunidade da sociedade, um sistema de exclusão que desloca a pobreza, a miséria para a periferia, pois é essa mesma população justamente, devida as péssimas condições de salubridade onde vivem, o abandono do Estado são as mais propensas a essas enfermidades de contágio. Mesmo que essas enfermidades tenham sido extintas ou estejam administradas, suas formas espaciais de controle sobre os cidadãos permaneceram como se vivêssemos ainda numa cidade pesteeda, sitiada ou sob a eterna ameaça delas.



Óculos le corbusianos. Collage 1 e 2. Rufino Becker



A cidade Contemporânea. A cidade de 3 milhões de habitantes. Le Corbusier. 1922

Talvez o desenho da cidade moderna deva muito mais à medicina e suas regras de isolamento e separação que a todas as teorias formais do urbanismo, com suas regras compositivas, formais e estéticas concebidas pelos arquitetos. Talvez seja o momento de nos interrogar e reafirmar se, os conceitos modernos de pureza, clareza, iluminação, transparência, e tantos outros, não são parte dessas regras disciplinares que nem conseguimos perceber, e se já também não estaríamos submetidos a essa ideia de controle e domesticação via cidade, afastando-nos e nos isolando uns dos outros sob falsas justificativas. A divisão prática da vida em trabalhar, morar, circular e lazer proposto por Le Corbusier,

a Carta de Atenas não seria uma espécie de desdobramento desse longo projeto de combate à lepra, à peste, à tuberculose ou ao atual terrorismo considerado também uma forma de peste? Sob essas justificativas de imunidade, não estamos continuamente construindo os muros muitas vezes invisíveis da domesticação moderna?

Hora de rever a Carta de Atenas (1931) como parte do grande projeto de domesticação moderno, do esfacelamento e repartição da vida, quando Le Corbusier propõe separar, afastar o trabalho da residência colocou em evidência a circulação e o consumo dos automóveis como o objeto de desejo, o fetiche da *voiture*, a *Maison citroen*, a casa como máquina de morar.



Maquete da cidade de três milhões de habitantes. Le Corbusier. 1922



Condomínio da Barra da Tijuca, com suas torres, Rio de Janeiro; e em primeiro plano a Favela da Rocinha com seu conglomerado orgânico de habitações. (foto do autor)

Na segunda parte da *Carta de Atenas*, Le Corbusier utiliza a expressão: *Estado atual das cidades, críticas e remédios*, essa metáfora reforça a trajetória de uma cidade sempre sofrendo de uma enfermidade crônica, doente e sempre sujeita a constantes e novas enfermidades, as quais devem ser tratadas pelos medicamentos da medicina, pelos médicos e também pelos arquitetos e seus remédios como a helioterapia que se acreditava fundamental para a cura da tuberculose¹⁶.

Talvez também devêssemos pensar na maneira como os estudos da Medicina e a psiquiatria no final do século XIX e início do século XX abordavam os fenótipos humanos e a teoria dos caracteres humanos, que determinava já por natureza o

normal e o anormal e sobretudo as diferenças raciais. Estas teorias têm seu correlato imediato na arquitetura do século XIX e XX com as teorias das tipologias arquitetônicas, e desde aí se arrastam até os dias de hoje¹⁷ pelo poder onde a arquitetura é um instrumento que possui a tendência de livrar o mundo da contingência para assim melhor manipular esse mundo de aparência e ordem”. “O núcleo das cidades antigas, cercado pelas muralhas militares, era em geral cheio de construções comprimidas e privadas de espaço. Mas, em compensação, ultrapassada a porta da muralha, os espaços verdes eram imediatamente acessíveis, dando às proximidades um ar de qualidade. Ao longo dos séculos, foram sendo acrescentados anéis urbanos, substituindo a

16 Na Carta de Atenas, no Capítulo: Habitação, Observação 9, Le Corbusier começa com a seguinte consideração: “No interior do núcleo histórico das cidades, assim como em determinadas zonas de expansão industrial do século XIX, a população é muito densa (chega a mil e até mil e quinhentos habitantes por hectare)”. E para isso diagnostica que: “A densidade, relação entre as cifras da população e a superfície que ela ocupa, pode ser totalmente modificada pela altura dos edifícios. Porém, até então, a técnica de construção tinha limitado a altura das casas a aproximadamente seis pavimentos. A densidade admissível para as construções dessa natureza é de 250 a 300 habitantes por hectare. Quando essa densidade atinge, como em vários bairros, 600, 800 e até 1.000 habitantes, **tem-se o cortiço** caracterizado pelos seguintes sinais: 1. Insuficiência de superfície habitável por pessoa; 2. Mediocridade das aberturas para o exterior; 3. Ausência de sol (orientação para o norte ou em consequência da sombra projetada na rua ou no pátio; 4. **Vetustez e presença permanente de germes mórbidos (tuberculose) (Grifo nosso)**. 5. Ausência ou insuficiência de Instalações sanitárias; 6. **Promiscuidade proveniente das disposições internas da moradia, da má orientação do imóvel, da presença de vizinhanças desagradáveis (Grifo nosso)**. Nesse sentido, lembremos do que dizia Le Corbusier, em *Precisions*¹⁶ “criar arquitetura é pôr em ordem”. Sobre essa afirmação Jeremy Till comenta que: “não é surpresa que ele compare a cidade (como uma coisa a ser ordenada) a um organismo doente. Também não é surpresa notar que a doença que Le Corbusier evoca constantemente como metáfora da doença da cidade, da arquitetura e da academia é o câncer”¹⁶. Assim, lembra o autor, “a cidade infectada por essa grave doença necessitaria de um tratamento radical que imponha a ordem como um remédio necessário. Dessa forma, a crítica de Till à imposição da ordem responde ao anseio pelo controle e

17 A partir do final do século XVIII e início XIX, sobretudo desde o aparecimento da psicologia, em várias ciências acontece numerosas classificações como bem apontou Foucault em *As palavras e as coisas*, e a arquitetura não ficará alheia a esse processo. Basicamente, na psicologia as classificações de carácter e dos temperamentos. A partir desse momento de descortina uma selva de tipologias, e a necessidade de fazer-se uma tipologia das diferentes tipologias psicológicas e de agrupá-las segundo suas afinidades teóricas que lhes caracterizam, estabelecendo assim os normais e as anormalidades. Sendo que os normais eram exatamente os que se enquadravam nas normas de fisionômicas. Toda escola alemã da biotipologia estava centrada nessa classificação do psiquiatra Ernst Kretschmer (1888-1964). Sua obra *Constituição e carácter* publicada em 1921, curiosamente no mesmo ano da cidade de 3 milhões de habitantes de Le Corbusier, teve um grande êxito nos meios científicos, originando uma série de desdobramentos em cima da classificação dos fenótipos humanos. Oportuno lembrar que a classificação tipológica da arquitetura, não ocorre em paralelismo, mas remonta-se ao final do século XVIII, como apontou Emil Kaufmann. Para Kretschmer a ideia de uma enfermidade mental estava associada, e não era nada mais que, a forma extrema de disposições desses caracteres típicos que se podiam encontrar nas pessoas normais, Kretschmer acreditava que através da fisionomia podia-se prever, bem ao modo determinista positivista, o comportamento e caráter dos homens. Essa teoria depois serviria como uma luva para as teorias evolucionistas, e da superioridade da raça ariana pelo nazismo, fazendo desses anormais (síndrome down, paralisia cerebral, índios, negros) objetos de experimentos médicos de Goebbels. Graças a técnica precisa das medições, normas e regras, normas e réguas, Kretschmer conseguia medir crânios, corpos, pés, mãos e demonstrando sua teoria de três tipos físicos fundamentais aos quais deu o nome de leptosomático, atlético, pícnico. O tipo Leptosomático era do indivíduo magro, esbelto, e que parece maior do que realmente é, ombros estreitos, peso baixo, rosto alongado, traços bastantes angulosos, pele seca e anêmica. O tipo Atlético correspondia ao indivíduo de estatura média ou superior a média, ombros fortes, tórax enorme, cabeça grande, pescoço largo, músculos salientes. O tipo pícnico correspondia ao indivíduo também de estatura média, rosto macilento, pescoço curto quase dentro dos ombros, barriga preponderante, torax afundado. Kretschmer notou que esses tipos físicos corresponderiam as enfermidades e perturbações mentais conforme a combinatória desses traços, por exemplo a esquizofrenia se produziria mais nos indivíduos leptosomáticos, as psicoses maniaco-depressiva nos indivíduos tipo pícnico, os epiléticos e também os esquizofrênicos nos tipos atléticos. Kretschmer concluiu que não havia solução de continuidade entre o normal e o patológico, isolando assim o anormal do normal definitivamente, se encadeavam três estágios progressivamente, o tipo de carácter normal, o tipo de carácter extravagante, muito próximo a loucura, e o tipo de enfermo mental. Isto corresponderia em sua terminologia a outras séries: para a tendência esquizofrênica: os tipos esquizotímicos. Esquizoide e esquizofrênico; para a tendência psico maniaco depressiva: ciclotímico, cicloide, manícodepressivo.

vegetação pela pedra e destruindo as superfícies verdes, pulmões da cidade. Nessas condições, as altas densidades significam o mal-estar e a doença em estado permanente”. Le Corbusier, A carta de Atenas, São Paulo: EdUSP. 1993. A questão que se coloca aqui já não é somente a helioterapia, ou o sol mesmo, mas de uma trajetória da iluminação, do iluminismo, mas do iluminado. O tema do iluminado, a iluminação será motivo de inquietação durante alguns séculos, percorrerá desde o iluminismo até a modernidade. O conceito de beleza renascentista, já estava anteriormente relacionado diretamente com a higiene visual, que é o conceito de visibilidade de luminosidade, e a apreensão dos objetos pelo olho, e do distanciamento, e que o século XVIII tratará com sistematicidade e chegará como até a modernidade como discurso associado a higiene e vida saudável como podemos observar a insistência em toda a Carta de Atenas ao afastamento dos corpos arquitetônicos para que se possam banhar de sol, em meio a natureza. Como disse Foucault: As luzes que descobriram

as liberdades inventaram também as disciplinas “ *Op. cit* p. 195. Dominique Laporte na *História da merda*, comenta essa relação referindo-se a cidade do século XVIII e XIX, “A cidade será devolvida ao olhar e se poderá percorrê-la com o olhar sem impressionar o olho ou tampouco corrompe-lo. Essa assunção do olhar, entretanto não se fará sem uma desqualificação paralela do cheiro. A primazia do visível é acompanhada dessa consequência, que veremos lançada por Kant, de que, o belo não fede. Os historiadores ignoram que aí uma história dos sentidos muda de orientação: da promiscuidade se passa ao pudor e essa mudança não se dá sem que se afine o olfato, em qualquer caso que sejam sentidos como fedorentas as coisas que antes, ao parecer, não eram. O que fede perturbava a visão. Mas o mal cheiro que se suprime do campo do visível e se consagra ao oculto, longe de desaparecer, de apagar-se, passa a inscrever-se positivamente numa economia do visível” Laporte, Dominique. *Historia de la mierda*. Valencia.1988, p.24.

Pranchas arquitetônicas com os tipos de arquitetura e seu respectivo caráter que as funções dos edifícios requerem para igrejas, palácios, teatros, hospitais, escolas, e sua relação com a malha ortogonal que regula e normatiza, normaliza os edifícios.

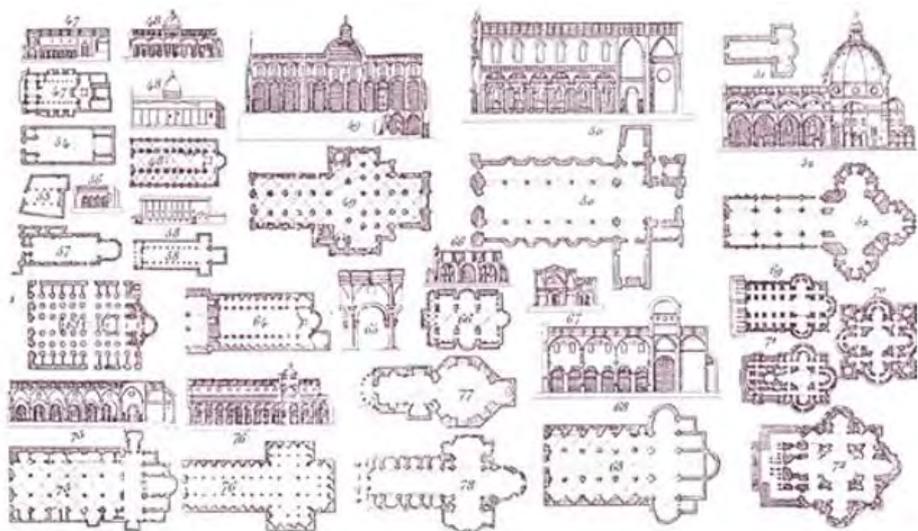
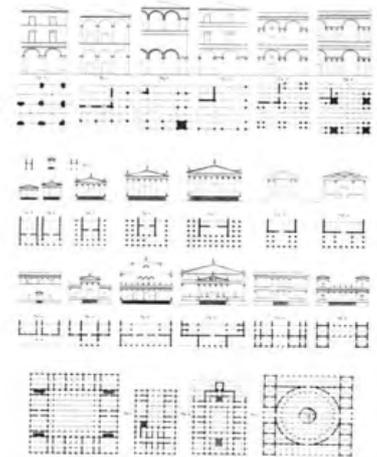
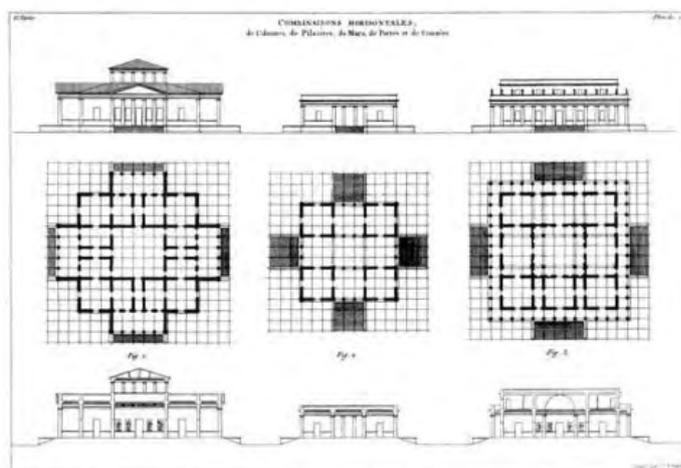
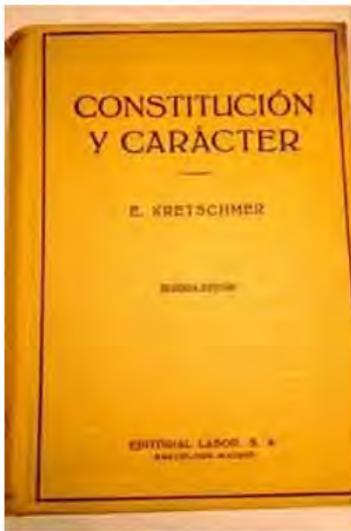
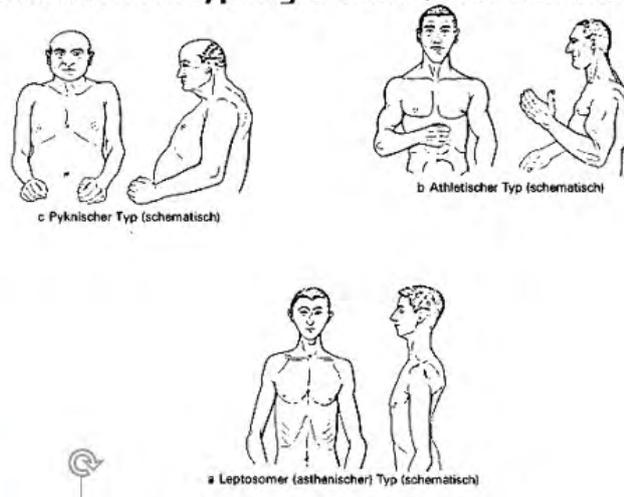


Tabla con diversos edificios de tipo basilical





Konstitutionstypologie nach KRETSCHEMER



The nose, as it cannot be disguised, is extremely important in identification. The types above, taking them from the left, show a low, narrow nose, a hooked nose, a straight nose, a snub nose, and a high, wide nose.

Cruz astrológica	Cardinal	Fija	Mutable
Tipo-Kretschmer	Atlético	Pícnico	Leptosomático
Forma	Delgado, deportivo, a menudo, anguloso/musculoso	Regordete, mazizo, a menudo rechoncho	Extremidades de delgadas a frágiles
Estructura ósea Tronco	Media-pesada	Pesada	Ligera
Cabeza	Rectangular, a menudo mandíbula acentuada	Redonda, normalmente base craneal ancha	Barbilla afilada y dirigida hacia arriba
Extremidades	Largas, huesudas y tendinosas	Cortas y rellenas	Largas y finas

Constituições tipológicas de Kretschmer

No fundo se estabelecia através do método tipológico as normalidades e anormalidades; analogamente sugerindo que o normal é a cidade figurativa, determinada por leis, e a anormal: a periferia, a construída muitas vezes fora do controle dos planejadores; e sobretudo que, as pessoas

que nascem na anormalidade da cidade têm propensão ao crime, aos vícios e enfermidades, que na anormalidade residem os indivíduos suficientemente não domesticados; e que da anormalidade só pode sair anormalidade. Como se, o lugar de nascimento fosse determinante,

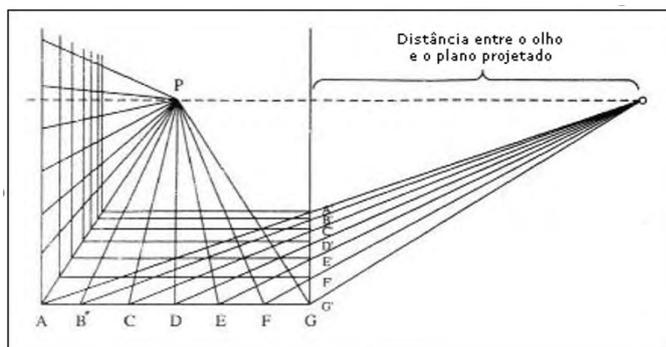
SOBRE DOMESTICAÇÃO A cidade pestilenta e o panóptico

a matriz e mãe na produção desses indivíduos, para os higienistas o local da anormalidade era a periferia, o lugar da sujeira e das enfermidades; mas curiosamente, cabe ressaltar que esses mesmos lugares da anormalidade e do abandono são os produzidos exatamente pelo Estado e levados a essa categorização, como se o sentido não pudesse existir sem o sem-sentido, e infelizmente acabam produzindo exatamente os tipos de indivíduos que o Estado quer que se produzam como biopolítica, e não como se esse fato fosse uma decorrência natural dos indivíduos que ali nascem e vivem.¹⁸

O estudo das tipologias arquitetônicas tinha por objetivo definir o caráter do edifício e sua correspondente aparência, fachada, ou seja que uma igreja tenha cara de igreja, que uma prefeitura tenha aparência de prefeitura, que de um hospital seja reconhecido como hospital, e que num teatro ocorra o mesmo, todos os edifícios de caráter monumental, e basicamente para isso se tratava de estabelecer uma ordem reguladora através de uma quadricula e de composição das partes com que formam um todo, baseado sobretudo na simetria da arquitetura clássica. Por trás da questão estética compositiva, do caráter do edifício, está à questão mesmo da produção

desse e as distinções de caracteres, trata-se de uma função basicamente reguladora universal da arquitetura, de uma gramática universal, de acabar com heteronomia barroca, de criar uma arquitetura de dominação e domesticação que poderia ser levada a qualquer canto do mundo, e onde o homem civilizado poderia sentir-se em casa. Para isso deveria estabelecer uma base uma retícula ortogonal, tal qual cada indivíduo em sua correspondente cela, seu correspondente quadrado. Trata-se enfim da mesma retícula que serviu para construir o plano de base da pintura desde o *quattrocento*, a mesma que deu origem a perspectiva e a ilusão de profundidade, a mesma do acampamento militar, a mesma que criou as cidades ideais do renascimento; e acabou por servir para construir as cidades higienistas do século XVIII e XIX nas Américas. Receita para colonizar, limpar e domesticar, e ao mesmo tempo estabelecer referências perceptivas universais.

A retícula ordena os corpos, os confina nas suas respectivas proporções de ortogonalidade, isola-os pela tênue e invisível linha dos ladrilhos, impondo-lhes uma suficiente distância para que não sejam obstaculizados e para que não se perca jamais a ilusão de profundidade.



Quadricula, veduta de Alberti, método de montagem da perspectiva., séc. XIV. Pintura de Miguel Ângelo na Capela Sistina séc. 16

18 Os arquitetos transformariam ingenuamente essas teorias fisionômicas deterministas, evolucionistas em questões formais, funcionais, estética; uma estética que viria para encobrir e vestir esses dispositivos arquitetônicos disciplinares com uma roupa nova; e assim surgiam os estudos das tipologias arquitetônicas, as Enciclopédias e Tratados na arquitetura para dar conta dessa nova ordem disciplinar, os tipos arquitetônicos cada um assinalado para cada função, representantes da nova ordem, da pureza e de composição analítica (por partes), o hospital, a escola, a caserna, a penitenciária, o teatro, a biblioteca, o museu...). Nesse sentido está o trabalho de Beatriz Preciado, em cima e a partir de Foucault levará a crítica do biopoder a atualidade, mostrando que a separação do anormal e normal era basicamente relacionada a questão da produção e reprodução, pois esses indivíduos ditos anormais (tuberculosos, esquizofrênicos, portadores de síndrome de down, anões, prostitutas, homossexuais, índios, negros entre outros) se constituíam por questões de natureza de indivíduos não habilitados ao trabalho industrial, e ao trabalho de uma forma geral e sua rotina, ou seja: corpos considerados indomesticáveis. Preciado chama atenção na conferência *La muerte de la clínica?*(2013), para as novas formas de anormalidade biopolítica que o Império da produção está consagrando, entre eles o espectro do autismo, o autismo como forma não produtiva, ou a hiperatividade que deve ser tratada como enfermidade para docilizar os corpos para produção, e toda consequente indústria farmacêutica que se monta na recuperação desses indivíduos tanto através de fármacos como fisioterapias e terapias ocupacionais, para confirmar sua não produtividade e criar a ilusão de que um dia possam se engajar na ficção do trabalho. <https://www.youtube.com/watch?v=4aRrZ7bFmBs>



A cidade ideal de Piero de La Francesca 1420-1492, assentada sobre um plano de base reticulado de acordo com as normas da representação em perspectiva.

Planta da redução de São Miguel Arcaño., fundadas a partir de 1626. Missões Jesuíticas, Rio Grande do Sul. A planta ortogonal, similar a um acampamento militar mostra o processo de domesticação que os índios guaranis foram submetidos pela catequese dos jesuítas

Referindo-se ainda à lepra e à peste como dois modelos disciplinares, Foucault nos explica:

Esquemas diferentes, mas não incompatíveis. Lentamente vemo-los se aproximarem; e é próprio do século XIX ter aplicado ao espaço de exclusão de que o leproso era o habitante simbólico (e os mendigos, os vagabundos, os loucos, os violentos formavam a população real) a técnica de poder própria do “quadriculamento” disciplinar. Tratar os leprosos como pestilentos, projetar recortes finos da disciplina sobre o espaço confuso do internamente, trabalhá-lo com os métodos de repartição analítica do poder, individualizar os excluídos, mas utilizar processos de individualização para marcar exclusões - isso é o que foi regularmente realizado pelo poder disciplinar desde o começo do século XIX: o asilo psiquiátrico, a penitenciária, a casa de correção, o estabelecimento da educação vigiada, e por um lado os hospitais, de um modo geral todas as instâncias de controle individual funcional num duplo modo: o da divisão binária e da marcação (louco-não louco; perigoso-inofensivo; normal-anormal); e o da determinação coercitiva, da repartição diferencial (quem é ele, onde deve estar; como caracterizá-lo, como reconhece-lo; como exercer sobre ele, de maneira individual, uma vigilância constante, etc.).¹⁹ (FOUCAULT, 1977, p. 176)

Esse mesmo processo de divisão do anormal e do normal aconteceria também no correlato da arquitetura, no que normalmente os arquitetos acabariam por designar, taxar, discriminar, isolar, como: arquitetura *versus* não arquitetura, arquitetura erudita *versus* arquitetura vernacular e/ou primitiva; também no urbanismo a mesma coisa: a cidade formal sob o imperativo das normas

urbanas *versus* a periferia como uma cidade anômala. Segundo Foucault, todos os mecanismos de poder daquela época que chegam ainda hoje são dispostos em torno do anormal, para marcá-lo, domesticá-lo, modificá-lo; e se originam nessas duas formas longínquas de controle.

O PANÓPTICO

Depois de introduzir a questão da ordem espacial da peste, Foucault passará ao estudo do PANÓPTICO de Jeremy Bentham como uma espécie figura arquitetural dessa composição, um dispositivo, uma matriz; matrix que se aplicará

“De modo geral, todas as instâncias de controle individual funcional num duplo modo: o da divisão binária e da marcação (assinalamento) (louco x não louco, perigoso x inofensivo, normal x anormal); e o da determinação coercitiva, da repartição diferencial (quem é ele, onde deve estar, como caracteriza-lo, como reconhece-lo, como exercer sobre ele, de maneira individual, uma vigilância constante)”. Foucault, Op cit.; p. 176

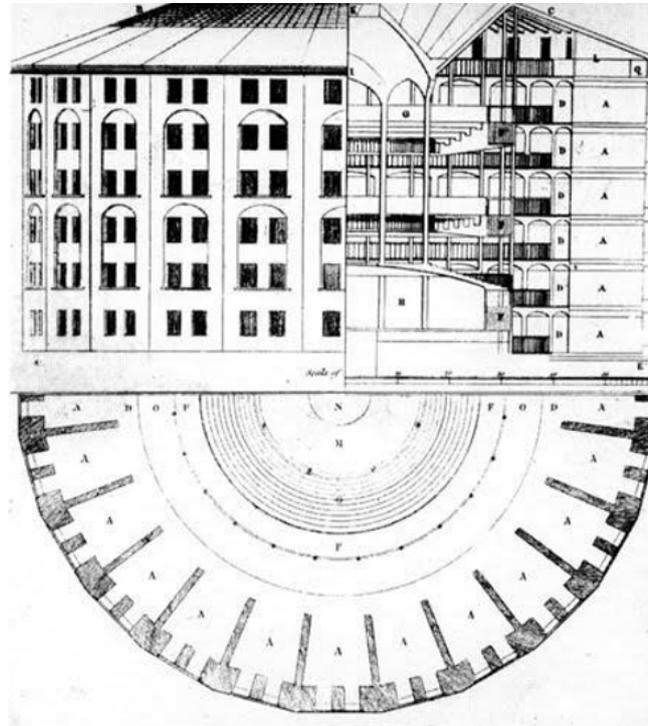
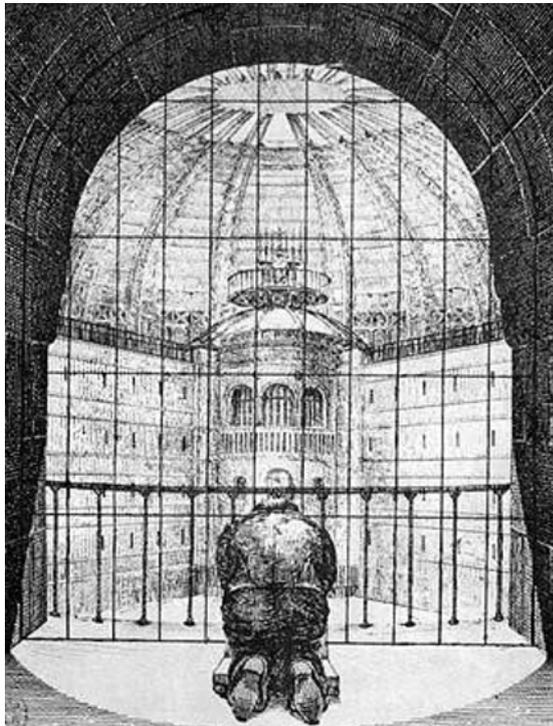
Preciado indiscriminadamente a todos os edifícios domesticadores e disciplinadores nos séculos XIX e XX (prisão, escola, manicômio, hospital, caserna, etc.) Diz ele ao descrever o modelo panóptico:

O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro uma torre; esta é vazada por largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas tem duas janelas, uma para o interior, correspondendo as janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permitindo que a luz atravessasse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre as silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades

espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. Em suma: o princípio da antiga masmorra é invertido, de suas três funções: trancar, privar de luz, e esconder, só se conserva a primeira.

A plena luz o olhar de um vigia capta melhor que a sombra, que finalmente protegia o condenado. (FOUCAULT, 1977, p.177)

O modelo panóptico de Jeremy Bentham. Projeto de Penitenciária de N. Harou-Romain, 1840. Sistema panóptico: detento reza em sua cela, diante da torre de vigilância central.



Para Foucault essa visibilidade, essa transparência é uma armadilha. Algo similar vai ser aplicado posteriormente à arquitetura moderna com seus envidraçamentos, suas janelas rasgadas invertendo também o sentido da casa, da casa antiga e seu sentido de oculto; como por exemplo na casa *domus* romana que era totalmente cercada sem nenhuma abertura salvo a entrada principal e ou uma de serviço. Os lares modernos de alguma maneira viraram do avesso e se deixaram trespassar pelo olhar de quem está lá fora, totalmente visível; ainda que o controle dessa visibilidade seja possível através de persianas ou cortinas, seus moradores tornam-se totalmente visíveis, ostentam-se como símbolo de prosperidade e modernidade, poder, e da transparência do poder, contrapondo-se à

ideia da casa como *oikos*, *okus*, como coisa oculta. Fazem-se visíveis, desejam voluntariamente exibirem-se em suas celas, em suas câmaras claras, em seus *domus vitrines* agora transparentes.

No modelo panóptico cada um permanece em seu lugar e os muros laterais entre as celas impedem que haja qualquer contato mútuo. No dispositivo panóptico o indivíduo é visto, porém não vê. A disposição preparada através da cela em frente à torre central impõe-lhe uma visibilidade axial. Nas divisões do anel, essas celas bem separadas impõem uma invisibilidade lateral imediata. É esta a garantia da ordem, segundo Foucault. Um certo olhar que privilegia a axialidade frente-fundos em oposição à lateralidade vizinhança.

Prisão modelo panóptico vista interna. Prisão de Petite Roquette



A domesticação da sociedade moderna se dará exatamente sobre esses modelos de ordem e imunidade, uma ordem que visa à proteção de uma irmandade, fraternidade, de um humanismo, de quem é humano e não humano, de quem é normal e não normal, entre o civilizado e o selvagem. Essa domesticação sobre os corpos se dará não somente com essas disciplinas espaciais arquitetônicas e suas artes de distribuição e composição, mas também domando o corpo por meio de castigos e suplícios até que responda aos comandos, como nas antigas escolas com a palmatória, nas fábricas, nos seminários religiosos ou nas missões religiosas com intuito de catequizar e civilizar os indígenas nas Américas e na África, por exemplo, os missionários domesticavam os índios vestindo-lhes com roupas julgadas civilizadas, cortando-os os cabelos, obrigando-os a rejeitarem seus deuses e fazendo-os acreditar num único Deus das religiões católica e protestante. A arquitetura, dessa forma, apresentará também as roupas características, as tipologias correspondentes a cada período, desses ditos espaços considerados civilizados. O século XIX e XX não se cansará criar essas roupas, esses caracteres, esses 'ismos': neoclassicismo, neogótico, eclétismo, purismo, modernismo, desconstrutivismo.

O modelo panóptico, como aponta Foucault, propicia que se evite uma série de transtornos, por exemplo:

Se os detentos são condenados não há perigo de complô, de tentativa de evasão coletiva, projeto de novos crimes para o futuro, más influências recíprocas; se são doentes não há perigo de contágio; loucos, não há riscos de violências recíprocas; crianças, não há "cola", nem barulho, nem conversa, nem dissipação. Se são operários, não há roubos, nem conluios, ada dessas distrações que atrasam o trabalho, tornam-no menos perfeito ou provocam acidentes. (FOUCAULT, 1977, p. 177)

A ação mais importante do panóptico é seu efeito sobre o detento, sobre o aluno, sobre o trabalhador, sobre o funcionário; fazer com que ele pense constantemente que está sendo observado, vigiado, exposto como um objeto numa vitrine de uma loja, que se sinta numa vitrine como uma casa ou apartamento envidraçado numa quadra, mesmo que essa ação seja descontínua. Viver sobre e dentro de um modelo panóptico, significa similarmente que esse cotidiano deve exercer o mesmo efeito de entranhamento que uma medicação deve produzir sobre um enfermo, ao se aplicar dia após dia suas doses, até que em um momento o enfermo tome consciência de sua importância e passe a aplicar-se a si mesmo, passe a vigiar a si mesmo.¹⁹ Foucault chamará esse método de "quadriculamento", de "aparelho arquitetural" ou "dispositivo arquitetural". Ou

seja: "(...) que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce; enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder que eles mesmos são os portadores". (FOUCAULT, 1977, p. 178)

O importante é que o prisioneiro se sinta incessantemente vigiado, mesmo que na realidade não esteja sendo constantemente controlado. Por isso Bentham colocou o princípio de que o poder deveria ser visível e inverificável, intocável, inacessível. Esse visível para Foucault significa que incessantemente o detento terá diante dos olhos a alta silhueta da torre central, ou a atual câmara de vigilância de onde é espionado, e de tão acostumado acabará tomando como um dado natural de sua existência enquanto prisioneiro, ser vigiado, monitorado, controlado. Inverificável significa que o detendo nunca deve saber se está sendo observado, mas deve ter certeza de que sempre pode sê-lo. Como relata Foucault,

Para tornar indecível a presença ou ausência do vigia, para que os prisioneiros de suas celas não pudessem perceber nem uma sombra, ou enxergar a contraluz, Bentham previu não só persianas nas janelas da sala central de vigia, mas por dentro, separações que a cortam em ângulo reto e, para passar de um quarto a outro, não portas, mas biombos, pois a menor batida, uma luz entrevista, uma claridade numa abertura trairiam a presença do guardião. (FOUCAULT, 1977, p. 178)

O panóptico, assim como toda estrutura de vigilância eletrônica, constitui-se em uma máquina de dissociar o par ver *versus* ser visto: no anel periférico sempre se é totalmente visto, visto sem nunca ver, da torre central vê-se tudo sem nunca ser visto. A ideia da visibilidade, ver *versus* não ver, presença *versus* ausência, da intocabilidade do poder, não é nova. Quando Luís XIV se muda do Louvre para Versalhes traz consigo não só a ideia do rei sol, do despota iluminado que se exibe para a corte até em seus atos mais triviais e escatológicos, mas também a ideia de que o poder se estabelece melhor sendo totalmente visível iluminado, mas sempre a certa distância dos demais, separado da urbe. Certo ver à distância, certo observar à distância, certo ver sem tocar.²⁰ Se nos remontarmos à idade média encontraremos também na figura arquitetônica do castelo a mesma ideia da torre central, com suas diminutas janelas, as seteiras na parte superior da muralha ou mesmo nos torreões; ali os vigias podiam observar tudo o que acontecia fora do castelo, assim como também dentro do próprio castelo.

Foucault explica bem essa ideia de aparelho arquitetural: há uma maquinaria que assegura a prisão, não importa quem exerce o poder. Bentham maravilhava-se de que as instituições panópticas

19

Como o que posteriormente Byung-Chul Chan chamará a **Sociedade do cansaço** e o conceito de rendimento.

20

Veja-se Fuão, F., A MÁQUINA DE FRAGMENTOS, a construção da arquitetura através dos primeiros instrumentos óticos. A domesticação da visão, em <http://fernandofuao.blogspot.com.br/2012/10/a-maquina-de-fragmentos-construcao-da.html>

pudessem ser tão leves: sem grades robustas, fim das correntes, fim das fechaduras pesadas; basta que as separações sejam nítidas e as aberturas bem distribuídas. O peso das velhas casas de segurança com sua arquitetura de fortaleza era substituído pela geometria simples e econômica de uma “casa de certeza”, da certeza que ali seria executada a pena.

O que Foucault vai legar-nos desses estudos sobre o panóptico, e trazer para a atualidade, o fato de quem está submetido, condicionado, domado, domesticado constantemente acaba incorporando - como coisa natural - por sua própria conta os limites que o poder lhe impõe. Ele não ultrapassa os assinalamentos, ele segue as flechas e indicações de rumos, ele obedece às sinalizações, obedece aos comandos; ele não se desvia, não se recusa, e denuncia quem infringe às regras. Ele faz funcionar de uma maneira espontânea sobre si mesmo, ou como diz Foucault “ele se torna o princípio de sua própria sujeição.”²¹

21
Foucault, op. cit., p. 179

E assim o poder tende a ser incorpóreo e quanto mais se aproxima desse limite, mais esses efeitos são constantes. Já não há mais ninguém lá fora, não há mais quem diga o que pode e o que não pode o tempo inteiro, a domesticação já está introjetada. O punitivo não está lá fora, próximo ou longe, ele está já dentro, incorporado; já não há uma externalidade absoluta desse poder, ele está em cada um de nós, como uma efetiva microfísica

do poder, uma subjetividade, um processo de subjetivação, um poder que opera internamente e livremente dentro de cada um. Mas, para que esse efeito panóptico aconteça é preciso que se crie, que se construa, se habite as formas, as arquiteturas e a cidade domesticante, para que se pense panópticamente, é preciso que vivamos constantemente nessas arquiteturas, nessas cidades que disciplinam os corpos, como bem apontou Heidegger habitar, construir e pensar é tudo uma coisa só. Segundo nos explica Foucault, Bentham não disse que se inspirou para o projeto do panóptico no zoológico que o arquiteto Le Vaux construiu em Versalhes, ou seja o primeiro zoológico cujos elementos não estão tradicionalmente espalhados em um parque; mas sim que havia no centro do zoológico de Versalhes um pavilhão octogonal cujo primeiro andar comportava apenas uma peça, o salão do rei; todos os lados se abriam com largas janelas sobre sete jaulas, o oitavo lado estava destinado à entrada; nas sete partes estavam encerradas diversas espécies de animais. Segundo Foucault, na época de Bentham esse zoológico desapareceu do parque. Encontramos no programa do panóptico a preocupação análoga da observação individualizante, da caracterização e também da classificação da organização das espécies. O panóptico é um zoológico real, o animal é substituído pelo homem, pela besta que se deixa ver pelo soberano, pela besta que se domestica e acaba domesticando seus iguais.



Escola de Carlisle.
Pensilvania

Para Foucault o panóptico também faz um trabalho de naturalista. pois permite estabelecer as diferenças: nos doentes, observar os sintomas de cada um, sem que a proximidade dos leitos afete um ao outro, sem que os efeitos de contágio misturem os quadros clínicos; nas crianças, nas escolas, nas faculdades anotar os desempenhos sem que haja imitação ou cópia, cola, assim também é através dele que se percebe as aptidões, os ditos caracteres; nos operários



observar as aptidões de cada um, comparar o tempo que leva cada um, sua produção, etc. O panóptico desperta interesse pelo fato de ser aplicável a muitos domínios diferentes, pois não fica só restrito ao projeto original para a arquitetura de prisões, não é somente construtivo, é uma estrutura organizacional, um organograma, um dispositivo, e nos conta toda a cultura disciplinar que se estabeleceu a partir do humanismo.

Foucault referiu-se ao panóptico como “*O sonho de uma maldade*”, um formidável dispositivo de disciplina. O mais terrível e grave é que a ideia de uma arquitetura anti pestilenta, panóptica, estabelecer-se-ia por quase todos os cantos da cidade, organizando-a, disciplinando, repartindo, docilizando os corpos, domesticando-os desde o nascimento até a morte. Essa virulência de controle e domínio do humano sobre o humano (humanismo), a partir do século XVIII disseminou-se rapidamente como uma nova forma de controle da peste sem peste sobre a sociedade inteira, sem escapatória. Esse poder opera na linha sequencial da vida domesticando incessantemente o ser humano, obrigando-o a passar de um ambiente panóptico para outro ambiente em panóptico

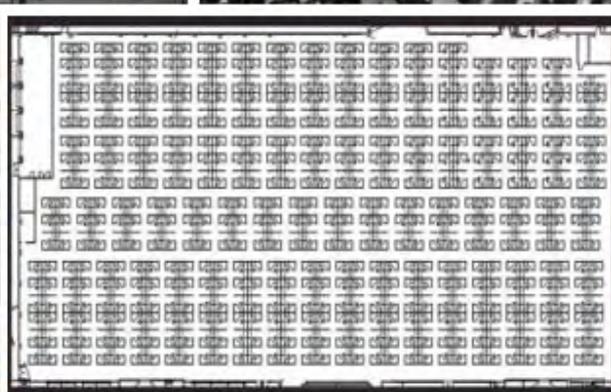
sucessivamente ao longo da vida, desde o nascimento no hospital e seus mecanismos de controle e registros de cartório (pulseirinhas, alta do médico e do hospital, certidão de nascimento); depois se passa para a escola, fábrica ou empresa, universidade; se algo nessa linha se desvia, dirige-se então a manicômios, hospitais, reformatórios, prisões. Finalmente a morte no hospital cruel e lenta nos hospitais, uma vez ali ele só sairá morto e com a liberação médica, o indivíduo perde ao nascer sua liberdade de vida e morte, até a própria morte não lhe pertence mais. Talvez seja exatamente por isso que os índios, ainda hoje, recusem-se a entrar em hospitais e que muitas crianças ainda resistam e tenham pavor de entrar na escola.²²

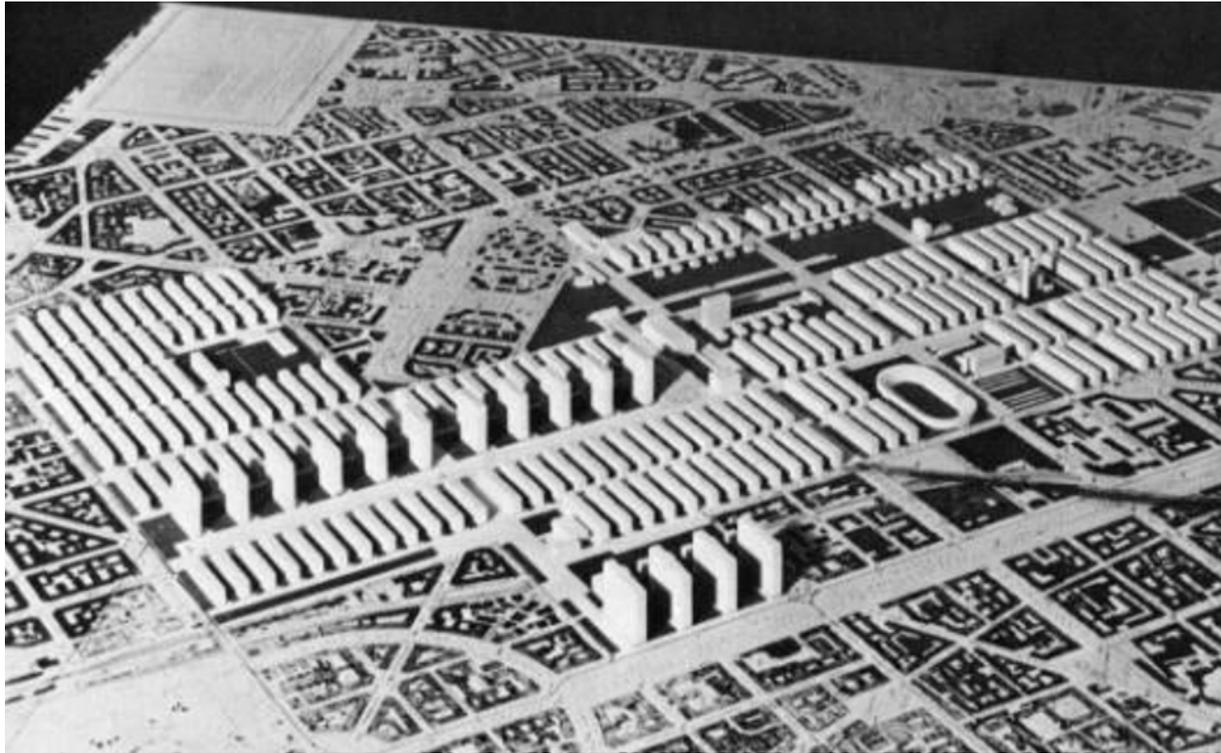
22

Mais especificamente, a domesticação da educação; a educação domesticadora tem aperfeiçoado gradualmente o seu alcance até os indivíduos. A educação e seu espaço correspondente da escola, universidade, tem sido uma das grandes domesticadoras, juntamente com a medicina e a arquitetura, como bem apontou Ivan Illich em *Sociedade sem escolas*, e também em *Nemesis*.









Outro aspecto bastante doloroso de se entender e sobretudo de aceitar no processo de domesticação operado pelo dispositivo panóptico, como o próprio Foucault apontou é o fato dele quase se autogovernar, ele é governado mesmo pelos indivíduos docilizados, domesticados; os mais domesticados domesticam os menos domesticados, em uma hierarquia sem fim de cima abaixo, dos mais obedientes e confiáveis até os menos obedientes, como se o grau mais elevado da humanidade habitasse exatamente na mais requintada domesticação. “Na máquina panóptica nós mesmos somos suas engrenagens”. (FOUCAULT, 1977, p. 190)

Daí a famosa interrogação de Foucault com que encerra o capítulo do livro dedicado ao panoptismo onipresente na sociedade disciplinar:

Já não devemos mais nos admirar que a prisão se pareça com as fabricas, que a fábrica se pareça com uma prisão, que as escolas, e orfanatos, asilos se pareçam com os quartéis, e que quartéis se pareçam com prisões, ainda que as formas de serem apresentem-se distintas, e que nos hospitais muitas vezes tenhamos a sensação de estar dentro de uma prisão e nos acomete a necessidade de ir para casa urgentemente, enfim que todos se pareçam com as prisões. (FOUCAULT, 1977, p. 199)²³

23 Na mesma linha de Foucault, Goffman (1987) demonstra que há mais coisas em comum entre uma prisão e um convento, um asilo de loucos e um campo de concentração, entre um navio em alto mar e um internato escolar do que parece à primeira vista. Todos estes estabelecimentos utilizam mecanismos de segregação, estratificação social e modelagem da subjetividade, alternando punições, recompensas e a estratégia de dividir para reinar que não são necessariamente diferentes das relações de dominação e subjetivação, dos processos de poder em vigor em toda e qualquer sociedade. Mas nestes estabelecimentos, os mecanismos produtores de subjetividade são exacerbados, por se tratar de situações extremas. De certa forma, são estabelecimentos específicos e como que purificados, revelando as engrenagens do poder de modo mais explícito e evidente, próprias para a pesquisa em laboratório. As análises de Goffman (1987) nos apresentam os procedimentos estruturados para a modelagem subjetiva e formas de repressão específicas que são efetuadas dentro dos muros das instituições totalitárias. Também nos revela que formas de repressão mais gerais se dão na sociedade de massas, produzindo efeitos sobre indivíduos e categorias sociais inteiras. O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto mais é útil, e inversamente (Foucault, 1999b, p. 119). O corpo humano foi então submetido a uma “anatomia política” e igualmente a uma “mecânica do poder” que o esquadriinha, desarticula, recompõe. A disciplina fabrica corpos submissos, exercitados, fortes, aumenta sua aptidão e ao mesmo tempo sua dominação. Uma “microfísica” do poder produz um investimento político e minucioso do corpo, tendendo, desde o século XVII, a cobrir todo o âmbito social: Uma observação minuciosa do detalhe, e ao mesmo tempo um enfoque político dessas pequenas coisas, para controle e utilização dos homens. Sobem através da era clássica, levando consigo todo um conjunto de técnicas, todo um corpo de processos e de saber, de descrições, de receitas e dados. E desses esmiuçamentos, sem dúvida, nasceu o homem do humanismo moderno (Foucault, 1999b, p. 121).



Agora, a nova tecnologia disciplinar continua a promover a distribuição dos indivíduos no espaço, mas essa distribuição já não é uma fixação como no antigo espaço disciplinar da peste ou da exclusão imposta aos leprosos. Ela é agora uma fixação locomotora, um espaço deslocável; está introjetada, é da ordem psicopolítica, não enclausurada ou fixada cada um a seu lugar correspondente, mas agora o indivíduo está atado, conectado mentalmente ao novo apa-

relho panóptico, a nova sua cela: seu celular. Cada indivíduo no seu lugar sem lugar; e em cada célula, um celular. As antigas regras de localizações funcionais estão agora libertas de uma fixação, ou de um endereço imóvel, de um *domus*. Uma domesticação já sem *domus*, sem Dom. Tanto é verdade que hoje em dia se pergunta o número do celular e ou e-mail antes de perguntar o endereço residencial.



Esses estranhos objetos de fetiche da domesticação moderna, fetiche “de trabalho feito” (*hecho eso*) faz com não consigamos desatar-nos deles, estamos fascinados, estranhamente paralisados, somos localizados em qualquer lugar que estivermos, controlados pelo poder e simultaneamente por todos, ao mesmo tempo; de alguma forma também já classificados e serializados

antecipadamente pelos nossos registros de vida, uma espécie de prontuário da vida. Assim, essa nova tecnologia se organiza em novas celas, mas ainda celas, celulares, lugares como: filas, bretes, os bretes de aeroportos, corredores em constante deslizamento; criam-se espaços altamente complexos, incidindo drasticamente nos planos arquitetônicos, funcional e hierárquico.



Talvez o mais ardiloso fato dessas novas formas de panoptismo seja o de não se percebê-lo como uma arquitetura, um aparelho arquitetural, nem mesmo como um dispositivo; essas novas formas panópticas de obediência e conjugação universal aderem-se a qualquer arquitetura, nem precisam de arquiteturas, da torre central dentro do presídio, da escola ou do mezanino da fábrica, apenas das torres, das novas torres, de antenas de comunicação, basta olhar para cima dos prédios ou ao longo das estradas, cada cidade com suas torres. A maioria dos arquitetos não consegue perceber esses novos aparelhos tecnológicos como análogos às antigas arquiteturas panópticas. As antigas formas da arquitetura-prisão já estão desaparecendo e seu sentido encontra-se muito bem encoberto pelas cores da tecnologia de programas e aplicativos dos computadores e dos celulares ou das tornozeleiras eletrônicas. Agora, a cela e o indivíduo como representação das mônadas, o indivíduo na cela e a cela no indivíduo, indissociável como se fosse uma versão infernal da *Monadologia* de Leibniz, ou do horrível cenário de *Matrix*. Não é necessário muito esforço para descobrir que a nova tecnologia disciplinar visa um minucioso controle da atividade, do “que

you are doing now?” (ou “no que você está pensando?”) (*Twitter, WhatsApp, Facebook* e de toda família de aplicativos de controle), todos poderiam ser traduzidos por: “sabemos onde você está agora”. Também não precisa muito para entender que o controle que se faz do tempo, da administração do tempo dos humanos já não corresponde à vontade de seu próprio tempo. Esse tempo dominador é a própria domesticação em ação se faz através do estabelecimento dos horários, de um tempo estritamente organizado e disciplinado para as multidões domesticadas. Hoje já desponta no horizonte disciplinar uma certa flexibilidade de administrar seu tempo de trabalho como cada um deseja em suas celas particulares, ou em espaços de trabalho; mas sempre controláveis, supervisionáveis, monitoráveis e sobretudo dispensáveis economicamente a qualquer momento. Visíveis. Conectados. Como disse Foucault em *A vontade de saber*, “no corpo biopolítico, no corpo docilizado o tempo penetra o corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder” (FOUCAULT, 1979b, p. 129).

“Um corpo bem disciplinado é a base do gesto eficiente” (FOUCAULT, 1979, p. 134). Nesses novos



dispositivos o máximo de rapidez deve encontrar o máximo de eficiência, “rendimento” como apontou Byung-Chul Han. Quanto mais domínio tecnológico sobre o aparelho mais rápido e eficiente é o trabalho constituído pela “teclagem”, mais rápido e eficiente o mundo se apresenta a seus olhos. O poder disciplinar tem por correlato uma individualidade que não é só “analítica e celular, mas também natural e orgânica” (Foucault, 1979, p. 132). O poder disciplinar é quase genético, organiza gêneses: divide a duração em segmentos, organiza sequências de acordo com um esquema analítico; institui uma prova de qualificação no final do processo; estabelece séries de séries.

A arquitetura dos séculos XIX e XX copiou metaforicamente e ou estruturalmente o esquema espacial da cidade pestilenta; os higienistas e médicos através do mesmo sistema que se combateu a peste isolando e afastando as pessoas umas das outras, num contingente que era absolutamente necessário, trataram de aplicar de antemão esse mesmo sistema de distribuição à cidade moderna: estruturar os bairros em blocos habitacionais independentes e isolados de antemão do setor de trabalho; um esfacelamento divisional preventivo da quadra tradicional. Assim se continuou a perpetuar o modelo da cidade antipestilenta, o urbanismo da cidade moderna é também antipestilento, uma forma de imunidade e controle da cidade mais sofisticada e eficiente. Entretanto boa parte da população das grandes cidades vive, feliz ou infelizmente, às margens desses modelos de planejamento domesticantes, nas arquiteturas vernaculares das favelas e vilas onde as casas e pessoas parecem que se amontoam umas sobre as outras, na célebre mistura que continua, para muitos ainda a ser um rastro da peste, mas o modelo panóptico se sobrepõe a este, e continua entrando em suas casas via televisão, computador, internet e celular.

Não que as coisas aconteçam necessariamente como na época da peste, quando estavam trancados, vigiados dentro das casas como uma espécie de cela, da cidade como prisão, mas certamente mantiveram-se as estratégias espaciais para um rápido controle e domínio, caso algo aconteça, uma política espacial preventiva não só de controle sobre o caos de uma possível nova epidemia, mas também dos antigos hábitos e cuidados de higiene propostos pelos higienistas como: maior iluminação, insolação (helioterapia), necessidade de maior distanciamento entre as ruas, sempre possibilitando esse esquadrinhamento, a possibilidade de isolar a quadra dentro de uma cidade, afastando assim o contágio tanto dos focos revolucionários como das pestes, como vimos anteriormente. Não há mais a antiga peste, mas agora ainda vivemos no regime espacial urbano que tem grandes semelhanças àquele ditado

pela peste, e aguardando novas pestes para justificar esse modelo. E como brilhantemente descreveu Camus: “Nuns, a peste tinha enraizado um cepticismo profundo, de que não podiam desembaraçar-se. A esperança já não tinha efeito sobre eles, mesmo quando o tempo da peste tinha passado, eles continuavam a viver segundo as normas da peste.” (CAMUS, p. 294)

Camus nos mostra que a peste, paradoxalmente que a peste pode criar também uma história coletiva sobre as individualidades, os sofrimentos individuais quando a morte se tornava corrente. “Nesses tempos extremos da solidão, enfim, ninguém podia esperar o auxílio do vizinho e cada um ficava só com sua preocupação.” (CAMUS, p. 99) . “...e quando a peste havia coberto tudo. Já não havia então destinos individuais, mas uma história coletiva, que era a peste, e sentimentos compartilhados por todos. O maior sofrimento era a separação e o exílio, com o que isso comportava de medo e de revolta.” (CAMUS, p. 185)

A cidade está limpa, organizada, saneada, as doenças relativamente controladas através da medicina com seus medicamentos e vacinas, através dos fármacos tranquilizantes que possibilita que a população das grandes cidades consiga adaptar-se e ajustar-se, e continuem a trabalhar e a render, produzir. Mas por trás dessa ‘higiene’ estetizada moderna, dos altos índices de iluminação natural proporcionado pelo distanciamento entre blocos e torres, e sobretudo artificial às expensas das guerras do petróleo, segue exalando um forte cheiro pestilento das estruturas de poder e de todas as relações humanas dentro da cidade metaforicamente antipestilenta.

Segundo explica Byung-Chul Han: na *Sociedade do cansaço*, a sociedade disciplinária de Foucault, com suas prisões, hospitais e sanatórios já não se corresponde com a sociedade de hoje em dia. O anterior “tema de obediência” foi substituído pelo “tema de rendimento”. A temática do rendimento encontra-se em guerra consigo mesma, sentencia Byung-Chul. Livre de um domínio externo que o obrigue a trabalhar, submetido somente a si mesmo, mas tal qual a estrutura panóptica de vigilância;

“o sujeito do rendimento abandona-se a liberdade obrigada ou a livre obrigação de maximizar seu rendimento. O excesso de trabalho se agudiza e se converte em auto exploração. Essa é muito mais eficiente que a exploração pelos outros, pois já não vem acompanhada de um sentimento de liberdade. A histeria e o nervosismo imperante da sociedade moderna ativa, necessita simultaneamente da dopagem para um rendimento sem fricções: A sociedade do rendimento, como sociedade ativa esta convertendo-se paulatinamente em uma

sociedade de dopagem, ao que se agrega que o uso de drogas inteligentes, que possibilitam o funcionamento sem alterações e maximizem o rendimento, é uma tendência muito justificada inclusive por cientistas sérios que vem como até um ato irresponsável não fazer uso dessas substancias. O ser humano em seu conjunto, não só o corpo, esta se convertendo paulatinamente numa máquina de rendimento. O cansaço da sociedade do rendimento é o cansaço da solidão, que isola e divide.”²⁴(HAN, 2015, p.43)

Deleuze, ao explicar a *Sociedade do Controle*²⁵ vai se servir de Foucault para nos explicar essa passagem, das sociedades disciplinares para o que ele chama da sociedade do controle. Deleuze nos explica que Foucault também estava ciente da brevidade deste modelo. Encontramo-nos numa crise generalizada

de todos os meios de confinamento, domesticação, prisão, hospital, fábrica, escola, família. A família é também um “interior” em crise como qualquer outro interior, escolar, profissional, etc.

“Os ministros competentes não param de anunciar reformas supostamente necessárias.

Reformar a escola, reformar a indústria, o hospital, o exército, a prisão; mas todos sabem que essas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo. Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam.

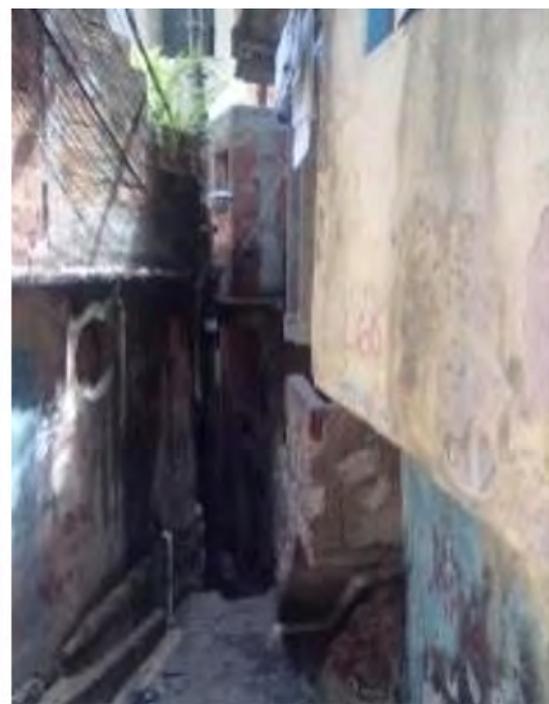
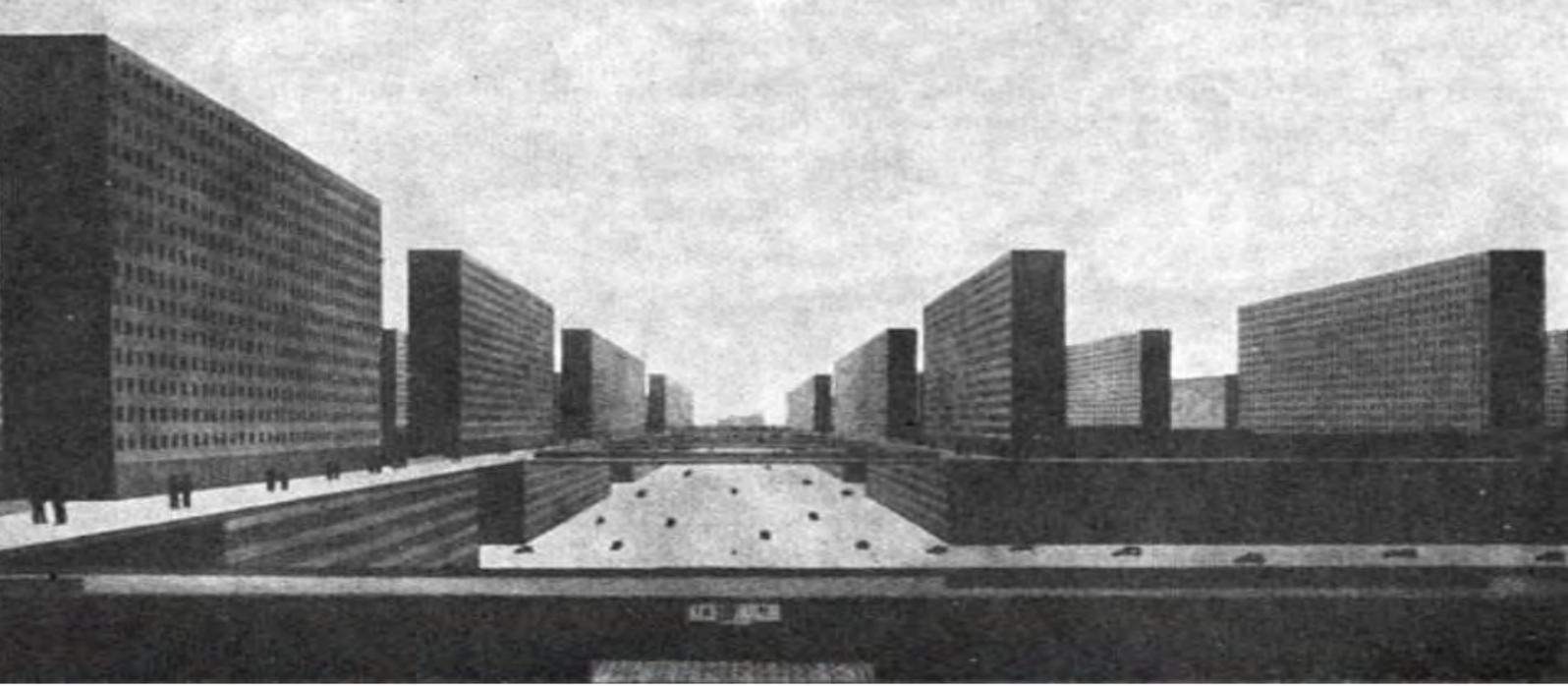
São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares. ‘Controle’ é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo.”²⁶



24 Byung-Chul Han: *Sociedade do cansaço*. Petrópolis. Editora Vozes. 2015

25 “Foucault situou as sociedades disciplinares nos séculos XVIII e XIX; atingem seu apogeu no início do século XX. Elas procedem à organização dos grandes meios de confinamento. O indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola (“você não está mais na sua família”), depois a caserna (“você não está mais na escola”), depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência. É a prisão que serve de modelo analógico: a heroína de Europa 51, de Rosselini, pode exclamar, ao ver operários, “pensei estar vendo condenados...”. Foucault analisou muito bem o projeto ideal dos meios de confinamento, visível especialmente na fábrica: concentrar; distribuir no espaço; ordenar no tempo; compor no espaço-tempo uma força produtiva cujo efeito deve ser superior à soma das forças elementares.”

26 Para Deleuze, em *A sociedade do Controle*: “não cabe invocar produções farmacêuticas extraordinárias, formações nucleares, manipulações genéticas, ainda que elas sejam destinadas a intervir no novo processo. Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições. Por exemplo, na crise do hospital como meio de confinamento, a setorização, os hospitais-dia, o atendimento a domicílio pôde marcar de início novas liberdades, mas também passaram a integrar mecanismos de controle que rivalizam com os mais duros confinamentos. Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas.”



REFERÊNCIAS

- CAMUS, Albert. A peste. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2008
- DEFOE, Daniel. Um diário do ano da peste. Porto Alegre: Artes e Ofícios Editora, 2014.
- ELIAS. Norbert. O processo Civilizador. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1990
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1977.
- FOUCAULT, Michel. História da Loucura. São Paulo: Editora Perspectiva. 1978.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições GRAAL. 1979.
- FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas, uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1981
- ILLICH, Ivan. Sociedade sem Escolas. Petrópolis. Editora Vozes. 1977
- ILLICH, Ivan. Nemesis médica, la expropiación de la salud. Barcelona. Barral Editores. 1975
- LE CORBUSIER. A Carta de Atenas. São Paulo: Edusp.
- HAN, Byung-Chul. A sociedade do cansaço. Petrópolis. Editora Vozes. 2015
- KAUFMANN, Emil. De Ledoux a Le Corbusier, origen y desarrollo de la arquitectura autónoma. Barcelona: Gustavo Gili, 1982.
- PRECIADO, Beatriz. La muerte de la clínica? Em: <https://www.youtube.com/watch?v=4aRrZZbFmBs>
- SLOTTERDIJK, Peter. Esferas, 1, 2,3. Barcelona: Siruela, 2003